

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS
FACULDADE DE LETRAS
PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS E LINGUÍSTICA**

Raquel Queiroz de Almeida

**Historiografia-linguística da influência de Edward Sapir na construção do ideário linguístico de Joaquim
Mattoso Câmara Júnior**

Goiânia
Faculdade de Letras/UFG
2014



UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS
FACULDADE DE LETRAS

TERMO DE CIÊNCIA E DE AUTORIZAÇÃO (TECA) PARA DISPONIBILIZAR VERSÕES ELETRÔNICAS DE TESES

E DISSERTAÇÕES NA BIBLIOTECA DIGITAL DA UFG

Na qualidade de titular dos direitos de autor, autorizo a Universidade Federal de Goiás (UFG) a disponibilizar, gratuitamente, por meio da Biblioteca Digital de Teses e Dissertações (BDTD/UFG), regulamentada pela Resolução CEPEC nº 832/2007, sem ressarcimento dos direitos autorais, de acordo com a [Lei 9.610/98](#), o documento conforme permissões assinaladas abaixo, para fins de leitura, impressão e/ou download, a título de divulgação da produção científica brasileira, a partir desta data.

O conteúdo das Teses e Dissertações disponibilizado na BDTD/UFG é de responsabilidade exclusiva do autor. Ao encaminhar o produto final, o autor(a) e o(a) orientador(a) firmam o compromisso de que o trabalho não contém nenhuma violação de quaisquer direitos autorais ou outro direito de terceiros.

1. Identificação do material bibliográfico

Dissertação Tese Outro*: _____

*No caso de mestrado/doutorado profissional, indique o formato do Trabalho de Conclusão de Curso, permitido no documento de área, correspondente ao programa de pós-graduação, orientado pela legislação vigente da CAPES.

Exemplos: Estudo de caso ou Revisão sistemática ou outros formatos.

2. Nome completo do autor

RAQUEL QUEIROZ DE ALMEIDA

3. Título do trabalho

Historiografia-linguística da influência de Edward Sapir na construção do ideário linguístico do Joaquim Mattoso Câmara Júnior

4. Informações de acesso ao documento (este campo deve ser preenchido pelo orientador)

Concorda com a liberação total do documento SIM NÃO¹

[1] Neste caso o documento será embargado por até um ano a partir da data de defesa. Após esse período, a possível disponibilização ocorrerá apenas mediante:

- a)** consulta ao(à) autor(a) e ao(à) orientador(a);
- b)** novo Termo de Ciência e de Autorização (TECA) assinado e inserido no arquivo da tese ou dissertação. O documento não será disponibilizado durante o período de embargo.

Casos de embargo:

- Solicitação de registro de patente;
- Submissão de artigo em revista científica;

- Publicação como capítulo de livro;
- Publicação da dissertação/tese em livro.

Obs. Este termo deverá ser assinado no SEI pelo orientador e pelo autor.

Documento assinado eletronicamente por **Sebastiao Elias Milani, Professor do Magistério Superior**,



em 25/11/2022, às 14:14, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por **Raquel Queiroz De Almeida, Usuário Externo**, em 25/11/2022, às 20:13, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site

[https://sei.ufg.br/sei/controlador_externo.php?](https://sei.ufg.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0)

[acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0](https://sei.ufg.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0), informando o código verificador **3350674** e o código CRC **4E7605BC**.

Raquel Queiroz de Almeida

**Historiografia-linguística da influência de Edward Sapir na construção do ideário
linguístico de Joaquim Mattoso Câmara Júnior**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras e Linguística, da Faculdade de Letras, da Universidade Federal de Goiás (UFG), como requisito para obtenção do título de Mestre em Letras e Linguística.

Área de concentração: Estudos Linguísticos

Linha de pesquisa: LP8: Língua, texto e discurso

Orientador: Professor Doutor Sebastião Elias Milani

Faculdade de Letras/UFG
2014

**Ficha de identificação da obra elaborada pelo autor, através do Programa de
Geração Automática do Sistema de Bibliotecas da UFG.**

Almeida, Raquel Queiroz de

Historiografia-linguística da influência de Edward Sapir
na construção do ideário linguístico de Joaquim Mattoso
Câmara Júnior[manuscrito] / Raquel Queiroz de Almeida. -
2014.

89, LXXXIX f.

Orientador: Prof. Dr. Sebastião Elias Milani.
Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal de
Goiás,

Faculdade de Letras (FL), Programa de Pós-Graduação em
Letras e Linguística, Goiânia, 2014.



ATA Nº 18/2014

**ATA DA SESSÃO DE JULGAMENTO DA DISSERTAÇÃO DE MESTRADO
DA ALUNA RAQUEL QUEIROZ DE ALMEIDA**

Aos quatro dias do mês de setembro do ano de dois mil e quatorze, a partir das nove horas, no Miniauditório Professor Egidio Turchi da Faculdade de Letras, realizou-se a sessão pública da Defesa de Dissertação intitulada “**Historiografia-linguística da influência de Edward Sapir na construção do ideário linguístico de Joaquim Mattoso Câmara Júnior**”. Os trabalhos foram instalados pelo Orientador, Professor Doutor Sebastião Elias Milani (Faculdade de Letras/UFG), com a participação dos demais Membros da Banca Examinadora: Professora Doutora Maria Lúcia da Cunha Victório Andrade (USP) e Professora Doutora Vânia Cristina Casseb Galvão (Faculdade de Letras/UFG). A Banca Examinadora reuniu-se em sessão secreta a fim de concluir o julgamento da Dissertação, tendo sido a candidata Aprovada pelos seus membros. Proclamados os resultados pelo Professor Doutor Sebastião Elias Milani, Presidente da Banca Examinadora, foram encerrados os trabalhos e, para constar, lavrou-se a presente ata que vai assinada pelos Membros da Banca Examinadora e visada pelo Coordenador do Programa de Pós-Graduação em Letras e Linguística. Goiânia, aos quatro dias do mês de setembro do ano de dois mil e quatorze.

Prof. Dr. Sebastião Elias Milani - Presidente

^{Prof. Dra. Maria Lúcia da Cunha Victório Andrade}
Prof. Dra. Maria Lúcia da Cunha Victório Andrade

Prof. Dra. Vânia Cristina Casseb Galvão

Visto:

Prof. Dr. Pedro Carlos Louzada Fonseca

Raquel Queiroz de Almeida

Historiografia-linguística da influência de Edward Sapir na construção do ideário
linguístico de Joaquim Mattoso Câmara Júnior

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras e Linguística da Faculdade de Letras da Universidade Federal de Goiás, como requisito parcial para o exame de qualificação na área de concentração dos Estudos Linguísticos, sob a orientação do Professor Dr. Sebastião Elias Milani, a ser defendida no dia 4 de setembro de 2014 diante da banca examinadora constituída pelos seguintes professores:

Presidente: Dr. Sebastião Elias Milani
Departamento de Estudos Linguísticos e Literários
Faculdade de Letras/UFG

Primeiro Arguidor: Dr.^a Maria Lúcia da Cunha Victória Andrade
Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas
Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas – USP

Segundo Arguidor: Dra. Vânia Casseb Galvão
Departamento de Estudos Linguísticos e Literários
Faculdade de Letras/UFG

Suplente: Dra. Tânia Ferreira Rezende Santos
Departamento de Estudos Linguísticos e Literários
Faculdade de Letras

Agradecimentos

A Deus pela Sua onipresença,

a meus pais, Donizete e Cleide, por me ensinarem sempre a acreditar que posso alcançar todos os meus objetivos e por me amarem incondicionalmente,

a meus irmãos, Daniel e Gabriel, por cuidarem de mim e por me tranquilizarem nos momentos de aflição,

a meu namorado, Túlio, por me apoiar e compreender minha ausência, demonstrando seu amor por mim,

a meu amigo, Cleomar Rocha, por alegrar os meus dias,

à Pós-Graduação em Letras e Linguística, especialmente aos secretários Consuelo Costa, Pedro Henrique e Bruno Raphael Calassa, por me ajudarem com a burocracia,

à Capes pela bolsa,

ao grupo Imago por me iniciar nos caminhos da pesquisa,

a minha amiga e irmã de Imago, Patrícia Verônica, pelo carinho e por me acompanhar nesta caminhada,

à banca de qualificação pelas contribuições para o trabalho,

ao meu orientador, Dr. Sebastião Elias Milani, por me ensinar tudo o que eu sei sobre linguagem e por me dar conselhos, os quais levarei por toda a minha vida, e, principalmente, por não desistir de mim.

SUMÁRIO

RESUMO.....	10
ABSTRACT.....	11
INTRODUÇÃO.....	12
Capítulo 1 – Síntese historiográfico-linguística das ideias linguísticas de Edward Sapir...	22
1.1 Os conceitos de Língua e Deriva na visão de Edward Sapir.....	26
1.2 Língua e Cultura segundo as obras de Sapir.....	39
1.3 A noção de estilo na expressão literária.....	44
Capítulo 2 – A imanência dos conceitos de Joaquim Mattoso Câmara Júnior.....	51
2.1 A linguagem como produto do pensamento e arte individual.....	51
2.2 O conceito de evolução da língua para Câmara Júnior.....	56
Capítulo 3 - As similaridades entre Sapir e Câmara Júnior.....	70
3.1 A relação entre língua e pensamento.....	72
3.2 O processo de mudança por meio da deriva linguística.....	76
3.3 A estilo individual na arte coletiva.....	81
CONCLUSÃO.....	86
REFERÊNCIAS.....	88

RESUMO

Esta dissertação apresenta as contribuições dos estudos de Edward Sapir na construção dos conceitos como linguagem, cultura, deriva e estilo presentes nas obras de Joaquim Mattoso Câmara Júnior. Para isso será utilizado o método historiográfico-linguístico, verificando a continuidade dos conceitos entre Edward Sapir e Câmara Júnior. A Historiografia-linguística, quando faz uso da historiografia, busca compreender os fatores que exerceram influências no pensamento que possibilitou o surgimento de uma teoria e/ou a incorporação dela a práticas investigativas específicas. Aqui será trabalhada uma importante questão metodológica da historiografia-linguística: a “Influência”, que se baseia nas experiências compartilhadas, na educação e no clima de opinião, de um lado, e a influência direta, por outro lado, que pode ser documentada com base em referências explícitas, comparação de textos, agradecimentos públicos, assim por diante. Por meio da recuperação dos conceitos linguísticos já mencionados em determinadas obras de Joaquim Mattoso Câmara Júnior, estabelece-se a comparação entre o estudo por ele desenvolvido e o de Edward Sapir, percebendo assim os desdobramentos dos estudos do autor norte-americano. Notadamente, as fontes na obra de Câmara Júnior são marcadas, tendo assim um reconhecimento público dos autores por ele referenciados, facilitando a atribuição das ideias presentes a Sapir. Acredita-se que não seja apenas pelas citações, mas pelo discurso por ele construído a respeito dos estudos de língua e linguagem daquela época. Câmara Júnior centrou-se na ideia de que as línguas são produtos da cultura, numa visão antropológica da linguagem iniciada por Edward Sapir nos Estados Unidos. Logo, a língua é o instrumento usado pelo falante para manifestar-se dentro de um grupo, criando representações da realidade como um processo de exteriorização do pensamento. Câmara Júnior, ao considerar as manifestações individuais socialmente apreendidas e incorporadas à língua geral, se baseia no conceito de deriva de Sapir, indicando que essa inovação não é apenas uma interpretação advinda de uma mudança latente na língua coletiva, mas também é o esforço do falante para se expressar da maneira mais adequada possível às circunstâncias em que se encontra, numa tentativa de criação pessoal que diferenciará sua manifestação linguística em relação ao restante do grupo.

Palavras-chave: Sapir, Mattoso, historiografia-linguística, influência.

ABSTRACT

This dissertation shows the contributions of Edward Sapir's studies in the construction of concepts such as language, culture, drift and style present in the works of Joaquim Mattoso Câmara Júnior. For this, the historiographical-linguistic method will be used, verifying the continuity of the concepts between Edward Sapir and Câmara Júnior. Historiography-linguistics, when it makes use of historiography, seeks to understand the factors that influenced the thinking that enabled the emergence of a theory and/or its incorporation into specific investigative practices. An important methodological issue of linguistic historiography will be worked on here: "Influence", which is based on shared experiences, education and the climate of opinion, on the one hand, and direct influence, on the other hand, which can be documented with based on explicit references, text comparison, public acknowledgments, and so on. Through the recovery of the linguistic concepts already mentioned in certain works by Joaquim Mattoso Câmara Júnior, a comparison is established between the study developed by him and that of Edward Sapir, thus realizing the consequences of the studies of the North American author. Notably, the sources in Câmara Júnior's work are marked, thus having a public recognition of the authors referenced by him, facilitating the attribution of the present ideas to Sapir. It is believed that this is not only due to the quotations, but also due to the discourse he constructed regarding language and language studies at that time. Câmara Júnior focused on the idea that languages are products of culture, in an anthropological view of language initiated by Edward Sapir in the United States. Therefore, language is the instrument used by the speaker to express himself within a group, creating representations of reality as a process of exteriorization of thought. Câmara Júnior, when considering the individual manifestations socially apprehended and incorporated into the general language, is based on Sapir's concept of drift, indicating that this innovation is not just an interpretation arising from a latent change in the collective language, but is also the effort of the speaker to express himself in the most appropriate way possible to the circumstances in which he finds himself, in an attempt at personal creation that will differentiate his linguistic manifestation in relation to the rest of the group.

Keywords: Sapir, Mattoso, historiography-linguistics, influence.

INTRODUÇÃO

Este trabalho trata de uma pesquisa historiográfico-linguística que traça a trajetória de algumas das ideias de Edward Sapir (1884-1939) na teoria linguística desenvolvida por Joaquim Mattoso Câmara Júnior (1904-1970). Pretende-se, nesta dissertação, mapear a visão de linguagem, de cultura, de deriva e estilo de Edward Sapir e de Joaquim Mattoso Câmara Júnior, buscando semelhanças no método de abordagem desses conceitos linguísticos, pois se acredita, por meio das citações diretas em suas obras, que Mattoso Câmara Júnior apreendeu muitos traços metodológicos do linguista norte-americano.

Os assuntos relacionados à linguagem sempre despertaram o interesse da humanidade que, desde a Antiguidade, já se debruçava sobre vários estudos a respeito de sua organização, bem como de seus constituintes. Tais estudos continuaram e continuam, sob outras perspectivas, a serem empreendidos até os dias atuais. Esta pesquisa apresenta como temática central a influência de Edward Sapir nas pesquisas linguísticas de Joaquim Mattoso Câmara Júnior.

Nascido na Alemanha, Edward Sapir fez sua carreira nos Estados Unidos, onde foi aluno de Franz Boas, e teve uma dupla atividade na carreira de linguista, estudando o papel das línguas na existência social e cultural do homem, e de antropólogo, estudando as línguas nativas do oeste dos Estados Unidos. Ele é considerado um dos fundadores da fonologia estrutural e iniciou os estudos sobre o relativismo cultural, liderando o estudo da linguística estrutural nos Estados Unidos. Foi um dos primeiros a explorar as relações entre os estudos linguísticos e a Antropologia e desempenhou, ao lado de Bloomfield, um papel fundamental para o desenvolvimento da escola linguística norte-americana.

Sapir e Bloomfield têm em comum a concepção antropológica da linguística que tão expressivamente caracteriza os estudiosos norte-americanos em face da ciência europeia, de maneira geral mais estreitamente filiada à tradição indo-europeia. Ambos procuraram incorporar na linguística o exame das línguas indígenas da América do Norte, e dessa experiência ampliaram o campo da filosofia da linguagem e da metodologia de seu estudo. Sapir se preocupou com a maneira pela qual o indivíduo manipula em sua expressão pessoal os padrões coletivos e “arbitrários” da língua. É a questão básica, formulada por Saussure na dicotomia *langue-parole*, bem como a questão do estilo individual, que se debate, sem contato direto com o pensamento saussuriano. Quanto ao problema da arbitrariedade do signo linguístico, outro princípio básico da doutrina saussuriana, de acordo com Câmara Júnior (1971), a solução a que chega Sapir, por caminho próprio, é de que há uma associação espontânea entre os sons vocais e as impressões do mundo extralinguístico e que tal associação, da qual as línguas não tomam conhecimento em suas estruturas formais, está pronta a vir à tona. Isso acontece quando o indivíduo se desvencilha das formas concretas de sua língua e das relações arbitrárias entre som e conteúdo que aí se estabelecem.

Sapir contribuiu decisivamente para uma ruptura epistemológica e teórica nas ciências humanas ao criticar aberta e radicalmente as correntes dominantes do pensamento social de sua época, com destaque para o evolucionismo e o funcionalismo. Simultaneamente, e como afirmado pelo próprio Mattoso Câmara Júnior, Sapir abriu caminho para o que ficaria muito depois conhecida como a “viragem linguística” ou “viragem discursiva” nas ciências humanas, que fez a linguagem ser considerada um aspecto central dos processos sociais e culturais.

Entre os estudiosos brasileiros que mais se fundamentaram em suas ideias está o próprio Joaquim Mattoso Câmara Júnior, que sem dúvida é um

dos principais representantes dos estudos linguísticos no Brasil. Dessa forma, boa parte dos primeiros conceitos e teorias difundidas no país tem origem nos estudos desenvolvidos por Sapir.

Para Uchôa (2004, p. 8), Câmara Júnior foi o introdutor da linguística no Brasil, no início da década de 1940. O discurso deste autor contrastava nitidamente com o discurso sobre o estudo da linguagem então dominante no Brasil, discurso centrado na língua portuguesa, identificado como discurso filológico, com ênfase em dois grandes centros ou campos de interesse: os estudos diacrônicos e os estudos que tinham como objetivo documentar e analisar a língua literária no extenso período que vai do século XVI ao início do século XX, período que, embora acolhendo inevitavelmente variações linguísticas mais ou menos amplas, causa das famosas divergências entre os gramáticos, era apresentado como representativo de uma mesma tradição linguística.

O discurso de Câmara Júnior sobre a linguagem se distinguiu daquele de seus contemporâneos por divulgar um referencial teórico novo no Brasil: o estruturalismo. Câmara Júnior esclareceu alguns fundamentos básicos da linguística estrutural e dedicou um capítulo da obra *Linguística como Ciência* à Fonologia, com base nas ideias de Sapir e do Círculo Linguístico de Praga. Câmara Júnior traduziu a obra de Edward Sapir, “A Linguagem: Introdução aos Estudos da Fala” (1971), que se propunha a dar uma visão de conjunto da linguagem e suas relações com outros interesses humanos básicos.

De Sapir, Câmara Júnior ainda traduziu uma série de artigos os quais reuniu no volume já mencionado: “Linguística como ciência” (1969). Procurou, assim, Câmara Júnior divulgar o pensamento de Sapir no Brasil. No prefácio dessa obra, ele não esconde a sua admiração pela orientação linguística do grande mestre norte-americano, quando, por exemplo, declara expressamente, num confronto sucinto entre a obra de Sapir e a influência de Bloomfield:

Um pouco posto à margem alguns anos atrás, pela absorvente influência de Bloomfield, cuja obra representa um muito mais cômodo ponto de partida para a disciplinização da pesquisa e sua apresentação interpretativa, a figura de Sapir tem vindo crescendo no pensamento lingüístico norte-americano, que graças a ele se orienta para uma compreensão generosa e humanística da linguagem, entrosada numa ampla ciência do homem e da cultura (SAPIR, 1971, p. 11).

Câmara Júnior, ao considerar a Linguística uma ciência antropológica, iria, nos anos 40, desenvolver outra característica importante de seu novo discurso sobre a linguagem no Brasil, centrado na ideia de que as línguas são produtos da cultura. Desde muito jovem, ele tinha entrado em contato com as obras de Humboldt, Boas e Sapir, linguistas com uma visão antropológica sobre a linguagem. Ele também dedicou parte expressiva da trajetória de suas pesquisas e de sua produção acadêmica ao estudo de línguas indígenas brasileiras. A influência do pensamento de Edward Sapir, nas concepções de língua, linguagem, cultura e mudança linguística nos trabalhos de Joaquim Mattoso Câmara Júnior, justifica a pesquisa exposta nesta dissertação, já que a proposta é entender como as ideias de Sapir influenciaram os estudos de Câmara Júnior.

A pesquisa realizada nessa dissertação é de cunho qualitativo. A “pesquisa qualitativa”, de acordo com Denzin e Lincoln (*apud* Esteban 2010), é um conceito amplo, mas tem um enfoque de indagação plenamente constituído e constitui um conjunto de práticas interpretativas de pesquisa que não privilegia uma metodologia sobre outra. Como espaço de discussão, ou discurso, é difícil de ser definida claramente porque nenhuma teoria ou nenhum paradigma a distingue de forma exclusiva. Esteban definiu a pesquisa qualitativa como “uma atividade sistemática orientada à compreensão em profundidade de fenômenos educativos e sociais, à transformação de práticas e cenários socioeducativos, à

tomada de decisões e também ao desenvolvimento de um corpo organizado de conhecimentos” (ESTEBAN, 2010, p.127).

Uma característica fundamental dos estudos qualitativos, de acordo com Esteban (2010), é sua atenção ao contexto. A experiência humana, para a autora, se espalha e tem lugar em contextos particulares, de maneira que os acontecimentos e fenômenos não podem ser compreendidos adequadamente se não separados daqueles. Outro traço que identifica os estudos qualitativos, para Esteban (2010), é seu caráter interpretativo que tem dois sentidos: o pesquisador qualitativo trata de justificar, elaborar ou integrar em um marco teórico os seus achados. De outro lado, o pesquisador pretende que as pessoas estudadas falem por si mesmas; deseja aproximar-se de sua experiência particular, dos significados e da visão que possuem. A pesquisa qualitativa abrange basicamente aqueles estudos que desenvolvem os objetivos de compreensão dos fenômenos socioeducativos e a transformação da realidade.

Esta pesquisa é também explicativa, tendo como preocupação central identificar os fatores que determinam ou que contribuem para a ocorrência dos fenômenos, pois será verificado como os estudos de Sapir influenciaram os estudos de Mattoso Câmara Júnior. Esse é o tipo de pesquisa que, de acordo com Calefe e Moreira (2008), mais aprofunda o conhecimento da realidade, porque explica a razão, o porquê das coisas. Pode-se dizer que o conhecimento científico está assentado nos resultados oferecidos pelos estudos explicativos.

Tal perspectiva se interessa pelo desenvolvimento do conhecimento referente à linguagem através dos tempos. Cumpre mencionar que o fazer historiográfico tem sido, ao longo dos séculos, uma preocupação dos homens nas diferentes sociedades e épocas, por uma necessidade de se questionar sobre seu passado para nele se apoiar, viver o presente e fazer prospecções para um futuro, assentado nas experiências vividas, conhecendo assim

maneiras de organizar as próximas etapas a serem realizadas. A historiografia tem sido entendida como uma metodologia que permite descrever e explicar como se produziu e se desenvolveu o conhecimento de qualquer natureza em um determinado contexto social e cultural, através do tempo.

Na pesquisa histórica, de acordo com Calefe e Moreira (2008), o pesquisador sistematicamente investiga e analisa documentos e outras fontes de dados sobre um determinado problema, comportamento ou evento ocorrido no passado. O pesquisador assim o faz para determinar como a história influenciou as práticas atuais, para prever tendências ou para sugerir maneiras pelas quais as práticas atuais podem ser modificadas à luz de eventos da história.

O aparato metodológico que organizou o processo de composição dessa pesquisa é o da Historiografia Linguística. Calefe e Moreira (2008) afirmam que as fontes na pesquisa histórica são, por exemplo, os documentos escritos que relatam um evento. Os pesquisadores podem usar dois tipos de documentos na pesquisa histórica: documentos intencionais que foram produzidos com a intenção de servir como gravações de ações, ideias ou eventos, e documentos não-intencionais, produzidos para uso imediato e não como relatos permanentes. Nesse projeto, os documentos usados para verificar as influências de Edward Sapir em Mattoso Câmara Júnior foram algumas das principais obras dos dois autores.

Ao tomar a língua como produto histórico-social, configura-se essa perspectiva nos domínios da articulação da Linguística e da História. Essas duas ciências se apresentam como duas áreas de conhecimento que, aliadas a outras ciências, são capazes de dar conta da descrição e explicação dessa articulação:

A historiografia lingüística tem muitos parceiros, como a História, a Literatura, as artes, a Sociologia, a Filologia, a Psicologia, a Filosofia, toma emprestado de todas essas áreas algo técnico, porque promove uma revisão do documento. Da História o conhecimento e reconhecimento dos grandes eventos, o ponto de vista do dominante. Da Literatura a estruturação da narrativa e os jogos de verossimilhança. Da Sociologia o conhecimento sócio-antropológico e os limites dos fatos e da realidade social. Da Filologia o reconhecimento da estrutura do documento e de sua relação física com o tempo. Da Psicologia os conceitos e compreensões do comportamento e do pensamento dos homens em sociedade e em isolamento. A Filosofia empresta toda sua história e sua compreensão da arte de pensar e de transformar pensamento em conceitos e em linguagens (MILANI, 2008, p. 2).

A historiografia-lingüística se interessa pelo desenvolvimento do conhecimento referente à linguagem através dos tempos. A historiografia tem sido entendida como uma metodologia que permite descrever e explicar como se produziu e se desenvolveu o conhecimento de qualquer natureza em um determinado contexto social e cultural, através do tempo. Para Milani (2008), a sociedade é formada por um conjunto de elementos anteriores a si, e toda preocupação sincrônica é fruto da ação diacrônica do conjunto anterior da sociedade humana, nada nem ninguém está alheio ao que acontece no mundo. Burke (1992) afirma que o comportamento do indivíduo deve ser analisado pela noção de *habitus* de um grupo particular. Por *habitus* de um grupo, Bourdieu (*apud* Burke, 1992, p. 98) entende a propensão de seus membros a selecionar respostas de um repertório cultural particular, de acordo com as demandas de uma determinada situação ou de um determinado campo. Diferentemente do conceito de “regras”, o *habitus* tem grande vantagem de permitir que seus usuários reconheçam a extensão da liberdade individual dentro de certos limites estabelecidos pela cultura.

Milani (2008) afirma que o estudo linguístico, através da metodologia historiográfica, tem como preocupação as fontes construtoras das obras analisadas. Verifica-se a incidência da formação do autor, enquanto nascido e formado em uma determinada sociedade. Podem-se verificar suas ideologias e traços psicológicos e sociológicos, mas o mais importante é, para qualquer obra científica, estudar os monumentos da ciência da língua e da linguagem, observando quais seriam então as gerações anteriores ou a geração científica anterior àquela em estudo que teria gerado dentro daquele contexto e o estilo da época.

Bakhtin (1991, p. 120) escreveu sobre a natureza social do signo e sobre o modo como os seres humanos se relacionam com a realidade circundante. Para esse autor, “essa realidade sempre é uma refração ideológica estruturada de algo que é exterior a si mesma. Tudo que é ideológico é um signo. Sem signos, não há ideologia”. Para Milani (GELCO, 2008), “o contexto social em que a obra foi produzida determina a direção em que os conceitos foram concebidos. A historiografia de uma sociedade é feita, acima de tudo, pelo conjunto das historiografias que compõem o objeto de estudo. O indivíduo, na perspectiva contínua da História, tem uma independência sociomoral e psicológica. Dessa forma, a mesma carga semântica tem efeitos e resultados, sincrônicos e diacrônicos, diferentes em cada membro de uma sociedade”.

Ainda de acordo com Milani (2008, p. 6),

“o indivíduo age assemelhando-se ao coletivo que, constantemente, se reafirma nele, e, por outro lado, individualmente age contradizendo o coletivo, determinado pela própria natureza que o faz querer ser indivíduo. o indivíduo sempre é refração e reflexo daquilo que foram as gerações anteriores, pois uma geração se opõe a outra na tentativa de avanço espiritual.”

Para Konrad Koerner, o historiógrafo explica, em suas pesquisas, tanto e quanto possível, as razões da mudança de orientação e de ênfase e a possível descontinuidade que delas se pode observar.

Como afirma Cristina Altman (1998, p. 25): a historiografia linguística “tem como principais objetivos descrever e explicar como se produziu e se desenvolveu o conhecimento linguístico em um determinado contexto social e cultural, através do tempo”, pois o objeto da historiografia, para Konrad Koerner (1996, p. 49), são “as ideias sobre a linguagem e as preposições para a sua descrição e explicação”, pois as teorias linguísticas “não se desenvolvem em isolamento do clima intelectual geral do período ou das atitudes particulares mantidas pela sociedade que promoveu a atividade científica”. (p. 57). O historiógrafo-linguista deve ser guiado em sua pesquisa por todas as pistas a ele fornecida sobre o autor ou a teoria estudada: “É um truísmo dizer que a história da linguística não pode ser estudada no vácuo, simplesmente como uma sucessão de teorias sobre a linguagem, divorciadas do clima geral de opinião no qual foram formuladas” (KOERNER, 1996, p. 49).

Milani (2011, p. 17) afirma que no interior do texto, nas entrelinhas, “estará sua marca de interesses, ao mesmo o universo de crenças, afirmadas e negadas, e o mais importante, a concreta relação que a enunciação tem com certos conceitos”, por isso “a sociedade é formada por um conjunto de elementos anteriores a si, e toda preocupação sincrônica é fruto da ação diacrônica do conjunto anterior da sociedade humana, nada nem ninguém está alheio ao que acontece no mundo” (MILANI, 2011, p. 23).

Milani ao elaborar um manual que norteia a pesquisa historiográfica-linguística, cita os passos a serem seguidos ao se elaborar a historiografia da teoria de determinado autor:

- 1º estabelecer uma biografia básica, vinculada à área temática pesquisada.
- 2º estabelecer os conceitos básicos produzidos, numa síntese precisa.
- 3º vincular os fatos da vida pessoal e científica/acadêmica e conceitos às instituições e às pessoas a ele relacionadas.
- 4º verificar fontes preceptoras e fontes escritas.
- 5º mapear os conceitos das fontes.
- 6º descrever os métodos ou o método linguístico.
- 7º vincular o método às ciências com suas respectivas fontes.
- 8º verificar o traço diferenciador do método do autor.
- 9º mostrar a contribuição de seu método para os conceitos.
- 10º relatar os avanços da obra (MILANI, 2011, p. 33).

Para alcançar o objetivo desta pesquisa, percorreremos o seguinte caminho: foram lidas as principais obras de Edward Sapir: *A Linguagem: Introdução aos Estudos da Fala* (2ª edição, 1971) e *Linguística como Ciência* (3ª edição, 1969) e as principais de Mattoso Câmara Júnior: *Dispersos* (3ª edição, 1970), *Princípios de Linguística Geral* (4ª edição, 1970), *Problemas de Linguística Descritiva* (18ª edição, 2010) e *Estrutura da Língua Portuguesa* (21ª edição, 2011). Fez-se uma breve síntese da teoria dos dois autores no que diz respeito aos conceitos: linguagem, pensamento, cultura e estilo.

Por meio da análise do contexto histórico, percebe-se a aproximação entre Sapir e Câmara Júnior, e que Mattoso Câmara Júnior rompeu com a doutrina linguística dominante no Brasil, que se concentrava nos estudos filológicos de descrição de línguas. A partir do contato com Sapir e outros estudiosos norte-americanos, Mattoso Câmara Júnior começou a ver a língua como refração de uma determinada cultura e como um meio para a comunicação humana. Ao se perceber essa aproximação de ideias entre Mattoso Câmara Júnior e Sapir, se buscaram os aspectos de convergência das concepções linguísticas dos autores.

Capítulo 1 – Síntese historiográfico-linguística das ideias linguísticas de Edward Sapir

Neste capítulo serão sintetizados os conceitos estudados por Edward Sapir já delimitados: língua, cultura, deriva e estilo. Segundo Milani (2011), os conceitos de uma obra, normalmente, encontram-se na superfície do discurso, que por sua vez, é fluido, por isso que recuperá-los não seria uma tarefa árdua para o historiógrafo.

Além da superfície, há os conceitos que permanecem em níveis não tão acessíveis, e necessitam de uma verificação mais aprofundada, em outras palavras, é preciso buscar as fontes e o contexto da época.

Edward Sapir, antropólogo e linguista, nasceu na Polônia, em 26 de janeiro de 1886. Seus pais, Jacob David e Eva Seagal, eram judeus. Sapir aprendeu alemão quando criança, mas a língua mais falada em sua casa era o iídiche. Os pais de Sapir se mudaram para os Estados Unidos em 1890, mas já haviam se mudado para vários locais anteriormente.

Segundo Teixeira e Mota (2011, p. 17):

Sapir ingressou na Universidade de Columbia em 1901 e concentrou seus esforços na filologia alemã, em consequência, formalizava seus conhecimentos em linguística indo-europeia. Em 1909, recebeu o título de Ph.D. em Antropologia com uma tese sobre a língua Takelma do sudoeste de Oregon (TEIXEIRA E MOTA, 2011, p.17).

Sapir escolheu primeiramente o campo de estudos da língua alemã, contudo, ocorreram mudanças nos interesses do autor, conforme afirmam Darnell e Irvine (1997, p. 283): “depois que Sapir conheceu Franz Boas, no entanto, ele se inspirou na urgência da

necessidade de registrar as línguas ameríndias antes que elas se perdessem para sempre”¹. Desse modo, Sapir aplicou o método comparativo do indo-europeu para as línguas ameríndias, as quais não tinham registro escrito. O interesse dele pela teoria linguística foi muito além do interesse de Franz Boas, de quem reconheceu a liderança intelectual frente aos estudos desenvolvidos muito antes, ainda como seu aluno de pós-graduação.

Durante sua vida profissional, Sapir estudou e descreveu inúmeras línguas indígenas em parceria com seus alunos. Além disso, de 1910 a 1925, foi o primeiro etnólogo da Divisão de Antropologia do Serviço Geológico do Canadá. Nessa época desenvolveu, como antropólogo, um programa de pesquisa no Museu Nacional focado nos povos indígenas locais.

Darnel e Irvine (1997, p. 62) afirmam que “Sapir, durante a Primeira Guerra Mundial, se mostrou um grande pacifista e a sua posição de imigrante na América do Norte não teve sequência. Esses foram anos de introspecção para Sapir, nos quais ele escreveu poesias, músicas e histórias literárias”, o que mostra o interesse de Sapir pelas artes e pela cultura.

Em 1925, após anos de isolamento, Sapir foi chamado para trabalhar na Universidade de Chicago, no Departamento de Sociologia e Antropologia. Nesse período, ele não abandonou seu trabalho linguístico, ainda fazia viagens de campo para estudar as línguas Navajo e Hupa.

Em 1937, enquanto ensinava no *Linguistic Society of America Summer Institute*, Sapir sofreu seu primeiro ataque cardíaco. Embora ele tenha voltado a lecionar no segundo semestre de 1938, não havia se reabilitado totalmente. Sapir morreu em 4 de fevereiro de 1939, com cinquenta e cinco anos.

¹ “After Sapir met Franz Boas, however, he was inspired by the urgency of the need to record endangered Amerindian languages before they were lost forever.

Em relação a sua produção intelectual, Edward Sapir em seus primeiros anos, seguia os paradigmas de seu mestre, Franz Boas. Em 1916, em *Time Perspective in Aboriginal American Culture: A Study Method*, Sapir apresentou uma distinção metodológica entre as propriedades da língua e da cultura para a reconstrução histórica. Em consequência, as relações genéticas poderiam ser discernidas e distinguidas de outros tipos de relações através da aplicação de métodos utilizados na linguística histórica indo-europeia, mesmo na ausência de registros escritos. Essa obra foi um guia para os etnólogos do método histórico da época e ainda hoje recebe atenção especial pelos estudiosos.

Em 1921, Sapir publicou *Language: An Introduction to the Study of Speech*, o único livro que ele finalizou. Nessa obra ele incluiu estudos sobre línguas com grafia e línguas ágrafas numa relação de igualdade e também se mostrou interessado pela precisão estrutural e tipologia gramatical de cada uma delas. O livro foi direcionado ao público geral, mas a sua visão linguística e o tratamento dado a temas específicos da linguagem influenciaram e ainda influenciam muitos trabalhos linguísticos.

Algumas das contribuições mais importantes de Sapir para a teoria linguística, de acordo com Teixeira e Mota (2011, p. 18), se mostraram na fonologia:

Em 1925, o periódico *Language* da *Linguistic Society of America* (LSA) foi inaugurado e Sapir foi um de seus fundadores. Nele publicou um artigo em que definiu o conceito de fonema, em termos de relações significativas entre os sons, uma novidade para a época. Além disso, a distinção feita por Sapir entre fonética e fonologia em seus estudos e artigos revolucionou a linguística americana. Essa distinção foi resultado do trabalho de campo com as línguas indígenas norte-americanas e se deu, independentemente, do trabalho paralelo realizado a partir de modelos fonológicos construídos pela Escola de Praga (TEIXEIRA E MOTA, 2011, p.18).

Outro ponto muito importante em que Sapir se destacou foram as discussões sobre o papel do significado na forma gramatical e as relações de significação com a utilização da linguagem na formulação e na transmissão de ideias, a chamada *Hipótese Sapir-Whorf*. Essa hipótese propõe, de acordo com Teixeira e Motta (2011), que a linguagem determina a forma de ver o mundo e a forma como se relacionar com ele (hipótese do determinismo linguístico; as diferentes línguas permitem diferentes perspectivas e diferentes comportamentos (relativismo linguístico)). Contudo, para Teixeira e Mota (2011, p. 21), “essa teoria foi desenvolvida em grande parte por seu aluno Benjamin Lee Whorf (1897-1941) após a morte de seu professor, pois nela observam-se concepções que não são atribuídas ao ideário de Sapir”.

Whorf, durante pesquisas sobre a língua hopi, como afirmam Teixeira e Mota (2011, p. 21) formulou a ideia de que o indivíduo apreende a realidade por meio das formas que a língua põe a sua disposição, pois notou que “[...] o conceito de tempo e espaço em hopi [...] seria bem diverso da concepção indo-europeia” (ROBL *apud* Teixeira e Mota, 2011, p. 26). Segundo Mira Mateus (*apud* Teixeira e Mota, 2011, p. 21), essa concepção foi gerada do fato de que em hopi um único item lexical, em certos usos, pode exprimir tempo e espaço. Desse modo, os falantes dessa língua apreendem diferentemente a realidade, do que, por exemplo, os falantes do PB ou do inglês que, geralmente, expressam tempo e espaço com termos linguísticos diferentes. Para deixar mais contundente o seu argumento de que cada língua, de modo distinto, apreende a realidade, o que se reflete nas diferenças culturais e de ordenação de raciocínio dos indivíduos, Whorf (*apud* Teixeira e Motta, 2011) cita a dificuldade ou impossibilidade de serem realizadas traduções exatas de algumas expressões ou sentenças entre línguas próximas. Essa impossibilidade e/ou dificuldade reforça(m) que as diferentes línguas (mesmo tendo algum parentesco) são diversas quanto à representação da realidade, e que isso repercute nos

falantes que terão ordenações de raciocínio diferentes. Assim, não pode haver uma fonte universal do pensamento humano; de acordo com Mira Mateus (*apud* Teixeira e Mota 2011), Whorf (1952) “[...] recusa a teoria de uma gramática universal, tal como recusa os princípios universais do pensamento”.

Algumas das perspectivas de Whorf (*apud* Teixeira e Mota 2011, p. 20) se confrontam com as de Edward Sapir, como por exemplo, o fato de que, segundo o último, não há relação de determinação entre língua, raça e cultura, pois um grupo de línguas não corresponde, necessariamente, a um grupo racial ou área cultural: existem línguas que são faladas por diferentes raças e diferentes culturas; por sua vez, há diferentes línguas que partilham de uma só cultura e, ainda, há casos em que uma mesma língua participa de diferentes círculos de cultura. Além disso, conforme afirma Mira Mateus (*apud* Teixeira e Mota, p. 21), pelo aspecto mentalista de Sapir, ele “[...] poderia vir a aceitar a existência de princípios universais da gramática representada na mente dos falantes [...]”, o que não pode ser afirmado em relação a Whorf.

A partir do breve apanhado de fatos e de obras, resultantes da curta existência de Sapir, mas de grande contribuição intelectual, entende-se que, tomado como um todo, o leque de preocupações de Sapir influenciou significativamente os contornos da linguística americana e mundial de sua geração. Certamente, ainda tem influenciado tanto antropólogos quanto linguistas do século XXI.

1.1. Os conceitos de Língua e Deriva na visão de Edward Sapir

A língua, de acordo com Sapir, é o meio essencial pelo qual um grupo social se manifesta e é utilizada pelo homem como instrumento de expressão de sentimentos individuais, que por ela se comunica coletivamente.

A língua é variável. Dois indivíduos da mesma geração e localidade, que falam precisamente a mesma língua e frequentam os mesmos círculos sociais, não possuem os mesmos hábitos linguísticos. Ao investigar minuciosamente a fala de cada um, seriam encontradas inúmeras diferenças, como na escolha de vocábulos, na estrutura das sentenças, na relativa frequência com que são usadas certas formas ou combinações de palavras, na pronúncia de certas vogais e consoantes ou combinações de certas vogais ou combinações de certas vogais ou consoantes. Assim, em todos esses aspectos, além da rapidez da elocução, a intensidade e a entoação é onde se encontra o que dá vida à língua falada.

Com relação aos dois falantes mencionados por Sapir, ele afirma que eles falam dialetos levemente divergentes da mesma língua mais do que a rigor a mesma idêntica língua. Há, entretanto, uma diferença importante entre as variações individuais e as dialetais. Sapir (1971) afirma que “as variações individuais mingam e desaparecem diante de certas concordâncias maiores, como, por exemplo, na pronúncia e no vocabulário, que ressaltam com vigor quando a língua do grupo é comparada à do outro grupo” (SAPIR, 1971, p. 119).

Isso mostra que há uma entidade linguística ideal, a dominar a fala habitual dos membros de cada grupo, e o sentimento de liberdade quase irrestrita que tem cada indivíduo ao usar a sua língua é contido por uma determinada norma diretriz. Certo indivíduo, de acordo com o autor, joga com essa norma de um modo que lhe é peculiar, outro se baseia no que existe naquilo em que o primeiro mais caracteristicamente inova, mas por sua vez diverge da média geral em certos pontos que lhe são próprios, e assim por diante.

O que impede que as variações individuais ascendam à importância dialetal não é simplesmente sua insignificância em qualquer caso, pois, de acordo com Sapir (1971), há

muitas variações dialetais inconfundíveis que não são da maior magnitude do que as variações idioletais dentro de um mesmo dialeto, é que antes de tudo as variações individuais são “corrigidas” ou canceladas pelo consenso do uso geral.

(...) pode-se achar indivíduos isolados cuja fala seja um compromisso entre dois dialetos de uma língua e, se seu número e importância aumentam, podem até acabar por constituir uma nova norma dialetal própria donde tenham sido banidas as peculiaridades extremas dos dialetos anteriores. Com o correr do tempo, o dialeto intermediário poderá absorver os outros, embora mais freqüentemente estes tendam a persistir indefinidamente como formas marginais da área dialetal ampliada. Tais fatos, porém, aliás bastante comuns na história das línguas, são evidentemente muito secundários (SAPIR, 1971, p. 120).

Esse processo de surgimento do dialeto intermediário, segundo Sapir (1971), está relacionado com certos desenvolvimentos sociais, tais como o advento de uma nação, a formação de literaturas que não se contentam com uma mera repercussão local, o movimento das populações rurais para as cidades, e todas as outras tendências destruidoras do intenso localismo que o homem simples sempre considerou natural. Os dialetos são próprios de grupos sociais estritamente circunscritos, e com homogeneidade tal que lhes garante um sentimento e propósito comum, necessário para criar uma norma.

A língua não é apenas uma coisa que cresce no espaço, por assim dizer, uma série de reflexos nos cérebros individuais de uma mesma e única “pintura” situada fora do tempo. O autor afirma que ela se move num curso que lhe é próprio, pois tem uma deriva. Sapir (1971) afirma que ainda que não houvesse fragmentação das línguas em dialetos, ainda que cada língua persistisse em firme e inflexível unidade, estaria em constante afastamento de toda forma consignável, desenvolvendo incessantemente aspectos novos,

transformando-se tanto em referência ao seu ponto de partida que teria de dar na realidade uma nova língua.

Os dialetos surgem, não porque haja o simples fato da variação individual, mas porque dois ou mais grupos de indivíduos se tornaram a tal ponto desconexos que passa a ter cada qual uma deriva própria, independente, em vez de fluírem juntos. Enquanto se conservam estritamente unidos, nenhum montante de variação individual é capaz de determinar a formação de dialetos (SAPIR, 1971, p. 120).

Isso reafirma que para o surgimento de novos dialetos é necessário que as variações sejam grupais e não individuais, pois a língua não é algo individual, mas, sim, social. Se os grupos em que se fale tal língua se mantiverem unidos linguisticamente, nenhuma variação individual terá forças para determinar a formação de dialetos. Contudo, é improvável que uma língua possa ser falada numa extensa área sem se multiplicar dialetalmente. Assim que os velhos dialetos são amenizados por compromissos mútuos ou varridos pela expansão e influência do dialeto que é culturalmente o predominante, criam-se novos dialetos a desfazer a variação do passado, pois velhos dialetos são constantemente suprimidos para dar lugar a dialetos novos.

(...) as línguas são passíveis de mudanças, que não é de surpreender que, uma vez rompida a comunidade lingüística, haja um irradiamento em várias direções. Se a fala de uma localidade começou a ter uma deriva própria, é praticamente certo que se afastará cada vez mais das outras falas congêneres. Um grupo dado de dialetos divergirá em conjunto e, isoladamente, cada um de todos os outros. Com o correr do tempo, cada dialeto fragmentar-se-á por sua vez em subdialetos, que gradualmente ascenderão à dignidade de dialetos, enquanto os dialetos primordiais se desenvolverão em linguagens ininteligíveis entre si (SAPIR, 1971, p. 122).

Continua-se, assim, nas palavras de Sapir (1971, p. 135) esse processo de divisão, até as divergências ficarem tão grandes que só um linguista, armado de evidência documental e do seu método comparativo ou reconstrutivo, tirará a influência de que tais línguas se relacionam genealogicamente, ou, em outros termos, representam linhas independentes de desenvolvimento, partidas de um remoto ponto comum.

Segundo o autor, todas as línguas que se sabe ter suas origens relacionadas constituem um bloco linguístico. Quanto à questão da origem única e múltipla das línguas, Pode-se inferir que a linguagem, como constituição humana (ou, se preferem, como faculdade humana) desenvolveu-se apenas uma vez na história da espécie humana e, segundo Sapir (1971), toda a complexa história da linguagem é um só fenômeno cultural, e para o autor, tal teoria, construída sobre “princípios gerais”, não é de interesse real para a ciência linguística.

Para Edward Sapir (1971, p. 124) “a linguagem existe apenas dentro de sua aplicação - falada e ouvida, escrita e lida. Toda mudança significativa que nela se verifique tem de existir inicialmente como variação individual”. As variações individuais são, de acordo com o autor, fenômenos desconexos, como as ondas do mar que avançam e recuam num fluxo sem conseqüências.

A deriva da língua ao contrário tem um rumo. Só a encarnam ou a transportam aquelas variações individuais que se movem em certa direção, precisamente como certos movimentos das ondas na baía que marcam o avanço da maré. A deriva de uma língua consta da seleção inconsciente, feita pelos que a falam, das variações individuais que se acumulam numa dada direção especial. Quando olhamos em torno de nós e observamos o uso corrente, não nos ocorre por certo que a nossa língua tem uma “declividade”, que as mudanças dos séculos próximos estão em certo sentido prefiguradas em algumas tendências obscuras do presente, e que tais mudanças, uma vez realizadas, provarão ser apenas continuações de outras mudanças que já se tinham verificado (SAPIR, 1971, p. 124).

A deriva da língua só pode existir a partir das variações individuais que caminham para determinada direção. Essa deriva é criada a partir da seleção inconsciente dos que a falam, de variações individuais que se juntam numa dada direção. Os usos feitos no presente são continuações de alguns do passado e prefiguram tendências futuras. A língua está em constante deriva, mas nunca sem rumo, ela tem uma direção definida. O conhecimento da deriva geral de uma língua é insuficiente para se ver aonde se irá chegar, por isso deve-se conhecer a potência e velocidade relativa das forças componentes da deriva.

Na língua não há nada perfeitamente estático. Toda palavra, todo elemento gramatical, toda locução, todo som e acento é uma configuração em transformação lenta, modelada pela deriva invisível e impessoal que é a vida da língua. Os dialetos, segundo Sapir, formados porque uma língua se fraciona em segmentos locais, não podem seguir a mesma deriva em todos os segmentos, pois a deriva geral de uma língua tem fundo variável. Na superfície, a corrente é relativamente rápida. Em determinados caracteres, os dialetos afastam-se entre si rapidamente. Justamente por isso, esses caracteres mostram ser menos fundamentais para a índole da língua do que outros, mais lentamente modificáveis, a que os dialetos se mantêm fiéis em conjunto, quando já chegaram a constituir formas estranhas entre si de comunicação verbal.

A potência da deriva mais fundamental, pré-dialetal, é não raro de tal ordem que línguas, há muito tempo díspares, passarão por fases iguais ou notavelmente semelhantes. Em muitos desses casos, é fora de qualquer dúvida que não se deu interinfluência dialetal (SAPIR, 1971, p. 137).

Ele mostra que a deriva mais fundamental, a pré-dialetal, influencia línguas há muito tempo díspares, passando por fases iguais ou muito semelhantes. Esses paralelismos de deriva podem ser verificados tanto na esfera fonética quanto na morfológica, ou podem

atuar em ambas ao mesmo tempo. O problema mais central da história da linguística é a mudança gradual fonética.

As leis fonéticas, de acordo com Sapir, constituem uma parcela notável e fundamental da matéria linguística. A sua influência vai muito além da esfera própria da fonética e, como se percebe, invade a morfologia. Para ele, um desvio que começa a título de leve reajustamento ou desequilíbrio fonético pode, no curso de longos anos, acarretar as mais profundas mudanças estruturais. Se nenhum dos dois sons dos quais parte o som longo anterior é um som novo, deve-se entender que houve uma convergência fonética, que dois grupos de vocábulos, cada qual com um som distinto ou uma combinação de sons distinta, convergiram para um grupo único. As línguas se esforçam por trazer para certas posições favoritas sons originalmente distintos, sem preocupação das conseqüentes confusões.

Geralmente a deriva fonética é de caráter mais geral. É óbvio que praticamente não é um movimento no sentido de determinado grupo de sons, senão no sentido de determinados tipos de articulação. Uma mudança fonética isolada, ainda que não provoque uma convergência de sons, é em regra ameaça de subversão para o padrão fonético anterior, porque cria uma desarmonia no agrupamento dos sons. A espécie de evolução sem prejuízo do padrão, ou com perda mínima para ele, é provavelmente a tendência mais importante dos sons linguísticos. A convergência e a “desintegração” fonética, para Sapir (1971), a contrariam até certo ponto, mas de maneira geral tal tendência é o regulador central inconsciente da marcha e velocidade das mudanças fonéticas. Para Sapir (1971), o desejo de fidelidade a um padrão de sons, “a corrigir” qualquer desequilíbrio, por meio de uma cadeia elaborada de mudanças suplementares, chega não raro a abarcar séculos ou até milênios, e estas correntes psíquicas de subsolo, na linguagem, são excessivamente difíceis

de compreensão em termos de psicologia individual, embora não haja como negar-lhes a realidade histórica.

Todo linguista, de acordo com o autor, sabe que uma mudança fonética é frequentemente acompanhada de remodelações morfológicas, mas tende a admitir que a morfologia pouca ou nenhuma influência exerce no curso da história fonética. No entanto, Sapir (1971) ressalta que ao contrário, inclina-se a acreditar que é infeliz a atual tendência a isolar entre si a fonética e a gramática como áreas linguísticas mutualmente irrelevantes. É provável haver entre elas e as suas respectivas histórias, relações fundamentais que ainda não se começou plenamente a estudar. As mudanças fonéticas podem ser as inconscientemente estimuladas a fim de que se mantenha o espaçamento psicológico entre os vocábulos e as formas vocabulares. Segundo Sapir (1971), a deriva geral apodera-se das variantes individuais de pronúncia que auxiliam a preservação do equilíbrio morfológico ou a marcha em prol do novo equilíbrio, que a língua procura firmar.

Sapir (1971, p. 147) cita três correntes fundamentais que a mudança fonética carrega:

- I- Uma deriva geral em dada direção, a respeito de cuja natureza quase nada sabemos mas que podemos suspeitar ser de caráter essencialmente dinâmico (tendências por exemplo a maior ou menor intensidade, a maior ou menor sonoridade nos elementos fonéticos);
- II- Uma tendência de reajustamento, que tem em mira preservar ou restaurar o padrão fonético fundamental da língua;
- III- Uma tendência preservativa que entra em ação, quando a deriva principal cria a ameaça de um desequilíbrio morfológico por demais sério.

O padrão fonético de uma língua não é invariável, mas muda com muito menos rapidez do que os seus componentes. Todos os elementos fonéticos que possui, podem

mudar radicalmente, sem que o padrão sofra modificações. A relação entre o padrão fonético e o som isolado é aproximadamente paralela a que nos ministra o tipo morfológico da língua, comparada com uma de suas feições específicas. Tanto o padrão fonético quanto o tipo morfológico fundamental, afirma Sapir (1971), são conservadores em excesso, apesar de todas as aparências superficiais em contrário. Se se deixasse firmar todas as mudanças fonéticas, determinadas pela deriva fonética, é provável que a maioria das línguas apresentasse tal irregularidade de contorno morfológico que perderiam contato com a sua base formal.

As mudanças de som operam mecanicamente. Sapir expõe que essas mudanças tendem a alterar ora todo um grupo morfológico, ora parte de um grupo, e tudo isso é causa de perturbação. Certos vocábulos, que estão psicologicamente isolados do seu grupo formal ou etimológico, tendem a preservar traços de leis fonéticas em tudo mais desaparecidas sem deixar rastro, ou a preservar vestígios de um processo morfológico que perdeu há muito sua vitalidade. Um estudo dessas sobrevivências, ou formas atrofiadas, não é sem interesse para a reconstrução da história anterior da língua ou para ministrar sugestões a respeito das suas afinidades remotas.

A analogia não só remodela formas dentro de um complexo de formas relacionadas (paradigma), mas ainda leva muito além a sua ação. De certo número de elementos funcionalmente equivalentes, por exemplo, pode-se dar que apenas um sobreviva, deixando-se o resto exceder pela influência deste em constante expansão. Uma feição morfológica que surge como consequência positiva de um processo fonético, pode propagar-se por analogia, não menos prontamente do que feições antigas que devem a sua origem a causas outras que a evolução fonética.

As línguas, como as civilizações, raramente se bastam a si mesmas. As necessidades do intercâmbio põem os indivíduos que falem uma dada língua em contato

direto ou indireto com os de línguas vizinhas ou culturalmente dominantes. O intercâmbio, para o autor, pode ser de relações amistosas ou hostis. De acordo com Sapir (1971, p. 142), pode processar-se no plano corriqueiro dos negócios e do comércio ou consistir em empréstimo ou troca de bens espirituais, arte ciência, religião. Seria difícil citar um exemplo de língua ou dialeto de vida completamente isolada em se tratando de povos primitivos. A tribo é não raro tão pequena, que não são pouco comuns uniões de cônjuges de tribos distintas que falam dialetos diversos ou até línguas sem nenhuma afinidade entre si. Nem será descabido dizer que os casamentos e o comércio entre nações e os intercâmbios gerais de cultura são de significação relativamente maior no âmbito da vida primitiva do que entre nós. Seja qual for o grau ou natureza do contato entre povos vizinhos, é em regra suficiente para conduzir a uma espécie qualquer de interinfluência linguística.

Frequentemente, a influência é acentuadamente unilateral. A língua de um povo que é tido como centro de irradiação de cultura está naturalmente em melhores condições para exercer influência apreciável em outras línguas faladas na vizinhança do que para se deixar influenciar por elas. O tipo mais simples de influência que uma língua pode exercer em outra é o empréstimo de vocábulos, pois, de acordo com Sapir, sempre há “empréstimo” de vocábulos quando há empréstimo cultural, ou seja, quando há probabilidade de empréstimo para os termos correspondentes. E, assim, até hoje, tem continuado esse processo, em que cada fluxo cultural traz a língua novo sedimento de vocábulos estrangeiros, por isso, para Sapir, o estudo cuidadoso desses vocábulos constitui um comentário interessante a história da cultura.

Pode-se de maneira aproximada apreciar o papel que os vários povos têm desempenhado no desenvolvimento e expansão das ideias culturais, registrando-se o grau de infiltração dos seus léxicos em outras línguas. Admite-se em regra, que a natureza e a

extensão do empréstimo dependem exclusivamente dos fatos históricos do intercâmbio cultural. É muito provável, de acordo com Sapir (1971), que a atitude psicológica da própria língua receptora em relação ao material linguístico, concorra em grande escala para a sua capacidade de receber termos estrangeiros.

É assim que o estudo da maneira pela qual uma língua se comporta na presença de termos estrangeiros, rejeitando-os, traduzindo-os, ou espontaneamente aceitando-os, pode esclarecer valiosamente as suas tendências formais inatas. A importação acarreta sempre aos termos estrangeiros uma modificação fonética. Sapir afirma que sempre há sons peregrinos ou peculiaridades de acentuação que não se adaptam aos hábitos nativos. Modificam-se, pois, a fim de sacrificar o menos possível esses hábitos. Muitas vezes temos compromissos fonéticos. Por isso sucede ocasionalmente introduzir-se um som novo, mas é provável que desapareça no fim de algum tempo. As línguas resistem muito a uma intromissão profunda em seu padrão fonético. Sabe-se, entretanto, que as línguas se influenciam uma às outras no campo fonético, e isso independentemente da importação de sons estrangeiros através de empréstimos vocabulares. Sapir (1971) diz:

um dos fatos mais curiosos que cabe ao lingüista assinalar é a ocorrência de surpreendentes paralelismos fonéticos entre línguas sem qualquer parentesco ou de parentesco muito remoto, situadas numa área geográfica restrita. Tornam-se eles especialmente impressionantes quando são apreciados numa ampla visão de contraste fonético (SAPIR, 1971, p. 157).

No trecho citado acima e em toda obra *A Linguagem* (1971), Sapir afirma a importância do estudo comparativo das línguas para que se descubra suas origens e formação. A descoberta de seu passado remoto, segundo ele, só pode ser realizada a partir de comparações entre as línguas.

Há uma tendência nos sons vocais, ou em certos tipos distintos de articulação, a se propagarem por uma área contínua, mais ou menos como os elementos de cultura irradiam de um centro geográfico. Sapir afirma que é lícito supor que as variações individuais surgidas nas fronteiras linguísticas, seja pela influência sugestiva inconsciente de hábitos estrangeiros de fonação, seja pela inferência efetiva de sons estrangeiros na elocução de indivíduos bilingües, foram pouco a pouco incorporadas à deriva fonética da língua. Uma vez que a preocupação fonética primeira da língua é a preservação do seu padrão de sons, e não de sons isolados, e Sapir (1971) infere que não há na verdade nenhum motivo para que não se assimilem, inconscientemente, os sons estrangeiros que se insinuaram na gama das variantes individuais, contanto que essas novas variantes (ou antigas variantes reforçadas) estejam no rumo da deriva interna.

Em fonética, como no léxico, é preciso cuidado em não exagerar a importância das influências interlinguísticas. O fato altamente significativo em tais interinfluências de sons é a forte tendência de cada uma das línguas a manter intacto o seu padrão fonético.

A respeito da influência morfológica, Sapir (1971) afirma:

uma influência morfológica realmente séria talvez não seja impossível, mas que a sua ação é tão lenta que dificilmente tem oportunidade de registrar-se na porção relativamente pequena da história lingüística franqueada no nosso exame; ou a de que há certas condições favoráveis para as perturbações morfológicas profundas vindas do exterior, uma instabilidade peculiar do tipo lingüístico, digamos, ou um grau desusado de contacto cultural, condições essas que sucede não figurarem no nosso acervo documental; ou, enfim, a de que não temos o direito de admitir que qualquer língua que seja possa exercer sobre outra remodelação morfológica (SAPIR, 1971, p. 160).

Segundo Sapir, essa dúvida permanecerá, mas por enquanto, a desafiar explicação, a circunstância de que importantes caracteres morfológicos se acham freqüentemente distribuídos em línguas confinadas numa grande área geográfica e muitas vezes diversas, tão diversas que são em regra consideradas sem parentesco entre si. Sapir (1971) afirma que às vezes se pode admitir que a semelhança seja proveniente de mera convergência, que o traço morfológico semelhante se tenha desenvolvido independentemente em cada uma das línguas. Certas distribuições morfológicas, entretanto, são de caráter tão específico que não se prestam a essa solução cômoda. Deve haver no fundo um fator histórico qualquer.

O autor ressalta que não se deve esquecer que o conceito de “bloco linguístico” nunca chega a ser definitivo num sentido exclusivo. Só se pode dizer com segurança que tais e tais línguas descendem de uma fonte comum, mas não que tais ou tais línguas não lhes sejam geneticamente relacionadas. O que Sapir diz poder adiantar é que não há um acúmulo de provas tal que force a conclusão a favor da origem comum.

Sabe-se que os mitos, as ideias religiosas, os tipos de organização social, os processos industriais e outros aspectos culturais podem propagar-se ponto a ponto, acomodando-se gradualmente em culturas a que já tinham sido alheios. Segundo o autor, os vocábulos não se difundem com menor liberdade do que os elementos culturais, e os sons também podem ser recebidos por “empréstimo”, e pode-se adquirir até elementos morfológicos. Reconhece-se que certas línguas adotaram novas feições estruturais em virtude da influência sugestiva de línguas vizinhas.

O exame de tais casos, porém, quase sempre revela significativamente que se trata de edições superficiais ao núcleo morfológico da língua. Enquanto o testemunho histórico direto não der exemplos realmente convincentes de uma influência morfológica profunda feita por difusão, será bom não confiar muito nas respectivas teorias. Para Sapir, de maneira geral, portanto, se associam as principais concordâncias e divergências de forma

linguística, padrão fonético e morfologia, com a deriva autônoma das línguas, sem complicá-la com os efeitos de uma difusão de caracteres fortuitamente acumulados ora num sentido, ora noutro.

A língua é de todos os fenômenos sociais, na opinião de Sapir (1971), o mais autossuficiente, o de maior resistência. É mais fácil destruí-la do que dividi-la na unidade de sua forma.

1.2 Língua e Cultura segundo as obras de Sapir

Sapir em toda sua obra considerou a linguagem como um processo sociocultural. Isso também é afirmado por Willian Dwight Whitney (1827-1894 *apud* Milani, 2000), que diz que todos carregam a capacidade linguística consigo, mas que o aprendizado linguístico é feito por experimentação, em um processo de transmissão do conhecimento de um falante mais experiente para um menos experiente. Whitney já não pensava na origem da linguagem, mas em sua imanência e desenvolvimento.

O processo interessante em toda a obra de Edward Sapir, que o faz se diferenciar dos comparatistas franceses, é o cruzamento feito entre a experiência do indivíduo e o conteúdo do signo que produz. As interjeições para ele não são apenas sons naturais que o homem tenha produzido instintiva ou automaticamente, mas criações do espírito humano, moduladas de acordo com a necessidade cotidiana e introduzidas de acordo com a cultura de determinado povo.

Pode-se tratar da intenção, da forma e da história da língua, precisamente como se trata de qualquer outro aspecto da cultura humana à maneira de uma entidade institucional ou cultural, deixando de lado os mecanismos orgânicos e psicológicos que a condicionam, como coisa aceita uma vez por todas. A essência da linguagem está, de acordo com Sapir, em atribuir sons convencionais, voluntariamente articulados, ou um equivalente desses

sons aos diversos elementos da nossa experiência. Esses sons só passam a tomar feição de símbolo, de elemento linguístico, quando essas e outras experiências associadas se associam com a imagem.

O mundo da imagem e do conceito, a pintura infinita e cambiante da realidade objetiva, segundo Sapir (1971), é o assunto inevitável da comunicação humana, pois é exclusivamente, ou pelo menos essencialmente, nos termos deste mundo que é possível a ação efetiva. Todas as línguas têm uma tendência inerente à economia de expressão. Se essa tendência fosse de todo inoperante, não haveria gramática. O fato gramatical, aspecto universal da linguagem, é apenas a manifestação do sentimento geral de que conceitos e relações análogas se exprimem mais convenientemente, por meio de formas análogas. Whitney já havia mencionado a respeito da economia lingüística, porque, de acordo com Milani (2000), ele explicou todas as mudanças linguísticas pela lei do menor esforço. Para ele, o indivíduo exercita sua língua no sentido de aperfeiçoá-la. A perfeição linguística encontra razão de ser nas formas abstratas e simples e que se caracterizam por ficarem cada vez menores.

A língua não existe isolada de uma cultura, ou seja, de um conjunto socialmente herdado de práticas e crenças que determinam a trama da vida. O povo que fala uma determinada língua pertence a uma etnia. Sapir afirma que os antropólogos costumam estudar o homem sob as três rubricas: da raça (nação), da língua e da cultura. O indivíduo sente que é o representante de uma porção solidamente integrada da humanidade, concebida como nacionalidade ou raça, e que tudo que lhe pertence como representante típico desse amplo grupo, cuja expressão é a língua.

As raças se misturam de maneira que não sucede com as línguas. Por outro lado, as línguas podem propagar-se muito além do berço, invadindo territórios de outras raças e outros âmbitos de cultura. Uma língua, de acordo com Sapir (1971, p.166), “pode até

extinguir-se no habitat primitivo para viver entre povos violentamente hostis àqueles que originalmente a falavam”. Para ele as ocorrências da história estão constantemente remodelando os espaços das áreas da cultura sem necessariamente fazer desaparecer as divisões linguísticas existentes.

Em sociedades de nível mais primitivo, onde não surgiu o poder de unificação secundário do ideal “nacional”, para perturbar a marcha do que se chamariam distribuições naturais, é fácil mostrar que a língua e cultura não estão intrinsecamente associadas. Segundo Sapir, línguas sem qualquer parentesco partilham de uma só cultura; línguas intimamente semelhantes, quando não só uma língua única, pertencem a círculos distintos.

Uma língua comum não consegue refletir indefinidamente a cultura comum, quando as determinantes geográficas, políticas e econômicas da cultura deixam de ser as mesmas na área global. Sapir afirma que há certa tendência que leva as linhas divisórias, nacionalistas e culturais, a corresponderem as linhas linguísticas, embora eventualmente esta última possa vir a ser de menor importância que as outras duas. Mas as divisões de etnia e de cultura, especialmente a última, é que são de importância; a divisão linguística não tem maior significado. Ao se retomar o passado, se deve admitir que populações relativamente escassas ocuparam grandes territórios durante inúmeras gerações, e que o contato com outras massas de população não era tão insistente e prolongado como se tornou mais tarde.

O isolamento geográfico e histórico, de acordo com Sapir (1971), que determina as diferenciações raciais, é naturalmente favorável também a variações intensas de língua e cultura. A própria circunstância de que raças (nacionalidades) e culturas, postas em contato histórico, tendem a se assimilar no correr do tempo, ao passo que as línguas contíguas só se assimilam fortuitamente e a certos respeitos superficiais, indica não haver nenhuma relação profunda de causa a efeito entre o desenvolvimento específico da raça e da cultura.

É muito difícil provar que a índole, a disposição emotiva geral de um povo seja responsável pelo teor e marcha de sua cultura, por mais que ela se manifeste na maneira com que cada indivíduo joga com os elementos dessa cultura. Mas, segundo o autor, ao pensar que ela tenha certo valor na modelação da cultura, por mais difícil que seja dizer de que maneira, não se segue que tenha o mesmo valor na modelação da linguagem. É difícil mostrar que a forma de uma língua tenha a mais leve conexão com a índole nacional. A sua linha de variação, a sua deriva, de acordo com Sapir (1971, p. 170) “segue inexoravelmente o canal traçado pelos seus antecedentes históricos; preocupa-se tanto com as emoções e os sentimentos dos indivíduos que a falam, como o curso de um rio com os humores atmosféricos da paisagem”. Sapir estava convencido de que era desnecessário andar em busca, na estrutura linguística, de diferenças correspondentes às variações de índole nacional, supostas em correlação com a nacionalidade. O aspecto emocional de nossa vida psíquica só é expresso marcadamente no arcabouço da linguagem.

A linguagem e os nossos canais de pensamento estão intrinsecamente ligados, e, a certos respeito são uma e mesma coisa. O conteúdo latente de todas as línguas, de acordo com Sapir (1971), é o mesmo: a “ciência” intuitiva de experiência. A sua forma manifesta é que nunca se repete, pois essa forma, que é chamada morfologia linguística, para ele não é nem mais nem menos do que uma “arte” coletiva de pensar, uma arte despida das irrelevâncias do sentir dos indivíduos. Na opinião do autor, não se deve acreditar que língua e cultura tenham entre si, a rigor, qualquer relação de causa a efeito. Pode-se definir a cultura “o que” a sociedade pensa. A língua é um “como” especialmente se pensa, e segundo o autor, é difícil discernir que relação de causa a efeito se pode esperar que subsista entre um inventário selecionado da experiência (cultura, ou seja, seleção significativa feita pela sociedade) e a maneira particular pela qual a sociedade exprime toda a sua experiência.

De acordo com Sapir (1971):

a deriva da cultura, que é outra maneira de designar a história, é uma série complexa de mudanças nesse inventário socialmente selecionado: adições, perdas, trocas de ênfase e relação. A deriva da língua não diz absolutamente respeito a meras mudanças de expressão formal. É possível mudar mentalmente sons, vocábulos e conceitos concretos de uma língua, sem mudar sua atualidade íntima, mais levemente que seja, tal como num molde fixo pode verter-se, conforme se queira, água, gesso ou ouro líquido (SAPIR, 1971, p. 171).

Nesse trecho ele mostra que a deriva da língua, assim como a da língua, tem mudanças complexas, mas superficiais, que não atingem a sua essência, ou superfície profunda. Para Sapir (1971) podendo-se provar que a cultura tem uma forma inata, uma série de contornos, completamente distintos da matéria-prima, já se terá qualquer na cultura que sirva de termo de comparação e possivelmente de meio para relacioná-la à linguagem. Mas para ele:

(...) enquanto não forem descobertos e evidenciados esses sistemas puramente formais de cultura, será conveniente manter as derivas lingüística e cultural sob o aspecto de processos não-relacionais e não-sucetíveis de comparação (SAPIR, 1971, p. 171).

Tipos simples e complexos de linguagem, da mais infinita variedade, são encontrados no uso falado, qualquer que seja o nível de progresso cultural que se submeta a exame. Sapir (1971) afirma que em se tratando de forma de lingüística, Platão vai de par com um porqueiro da Macedônia, Confúcio com um selvagem do Assam, caçador de cabeças.

É inútil dizer que o conteúdo da linguagem, este, está intimamente relacionado com a cultura. Uma sociedade que nada sabe de teosofia, não tem nome para lhe dar; os aborígenes que não conheciam cavalos, de vista ou ouvido, foram compelidos a criar ou importar um novo termo quando se lhe deparam esses (SAPIR, 1971, p. 172).

Assim, de acordo com Sapir (1971), entende-se que a língua é formada a partir da realidade dos falantes. As coisas que surgirem fora disso, serão adaptadas a essa realidade e o indivíduo saberá uma forma de nomeá-la, seja criando por analogia ou importando um novo termo para o que surge. A história da língua e a história da cultura seguem linhas paralelas no sentido de que o vocabulário de uma língua mais ou menos fielmente reflete a cultura a que ela tem por propósito servir.

(...) essa espécie de paralelismo, superficial e externa, não é de interesse real para o lingüista, salvo na medida em que a criação ou impostação de novas palavras projeta luz sobre as diretrizes formais de uma língua dada. O lingüista não deve jamais cometer o erro de identificar uma língua com o dicionário que dela se extrai (SAPIR, 1971, p. 172).

Com isso, Sapir mostra que o linguista não deve estar preocupado estritamente com o léxico da língua que pretende estudar, pois não pode identificá-la a partir desses dados. Ele deve estudá-la dentro de sua estrutura profunda, na sua sintaxe. Se a língua é de tamanha profundidade, será indicado que se trata da obra mais notável e colossal que o espírito humano jamais desenvolveu, pois é nada menos do que uma forma completa de expressão para toda expressão comunicável. Por isso a língua é a primeira manifestação do pensamento, pois para que ele seja inteligível, tem que ser comunicado e isso é feito através da língua. Sapir (1971) afirma que ela é a arte mais ampla e maciça com a qual se pode se deparar, cúmulo anônimo do trabalho inconsciente da cultura entre os indivíduos.

1.3 A noção de estilo na expressão literária

As línguas são mais do que sistemas de transferência de pensamento. Para Sapir (1971), elas são uma única túnica que veste o nosso espírito e dá forma predeterminada a toda a sua expressão simbólica. Quando a expressão tem uma significação fora do comum,

é chamada literatura. A arte é uma expressão tão pessoal que não é prazeroso senti-la unida a uma forma predeterminada, seja qual for. As possibilidades da expressão individual são infinitas, e a linguagem, em particular, é o mais fluido dos meios. Tem de haver, contudo, certa limitação a essa liberdade, certa resistência do meio.

Na grande arte, de acordo com o autor, há a ilusão da liberdade absoluta. O constrangimento formal imposto pelas matérias-primas: tinta, claro-escuro, mármore, notas de piano, ou seja, o que for, passa despercebido; é como se houvesse uma área ilimitada de separação entre a mais plena utilização de forma, por parte do artista, e o máximo de que é capaz o material utilizado. O artista se rende, segundo Sapir (1971), por intuição, à tirania inevitável da matéria-prima, fazendo a natureza bruta dessa última fundir-se facilmente na sua concepção. A matéria “desaparece”, porque nada, na concepção do artista, indica que existem outras matérias.

No momento, ele e nós, com ele, todos no meio artístico, afirma Sapir (1971), movemo-nos, como o peixe se move na água, sem cogitar da existência de uma atmosfera em que não se acha. Tão depressa, porém, o artista transgride a lei do seu meio, se sente então que há um meio que lhe cumpre acatar. A linguagem é aqui esse meio, como o mármore, o bronze ou a argila são a matéria-prima do escultor. Como cada língua tem peculiaridades distintas, as limitações e as possibilidades formais inatas de cada literatura nunca são as mesmas que as de outra.

A literatura, tirada da forma e substância de uma língua, tem a cor e a tessitura da sua matriz. Pode ser que o artista literário não tome jamais consciência de como é contido ou favorecido, ou enfim orientado, dessa maneira; mas, quando se trata de traduzir-lhe a obra para outra língua, a natureza da matriz de origem manifesta-se logo. Todos os efeitos foram calculados, ou intuitivamente sentidos, em referência à “índole” formal da língua

respectiva; não podem ser transpostos sem perda ou modificação. Apesar disso, a literatura consegue traduzir-se e às vezes com fidelidade surpreendente.

Sapir afirma que é neste ponto que está a necessidade de saber se não se acham aqui combinados dois tipos ou níveis de arte. Uma arte generalizada, não linguística, que se não pode transferir sem perda para um meio linguístico estrangeiro, e uma arte especificamente linguística que não é transferível.

A expressão literária é pessoal e concreta, mas isso não quer dizer que a sua significação esteja completamente ligada às qualidades acidentais do meio. Para Sapir (1971) um simbolismo verdadeiramente profundo, por exemplo, não depende das associações verbais de uma língua dada, mas repousa firmemente numa base intuitiva colocada em toda expressão linguística.

A intuição do artista é imediatamente elaborada em função de uma experiência humana generalizada, pensamento e sentimento, cuja seleção altamente personalizada vem a ser a sua própria experiência individual. As relações do pensamento, nesse nível básico, não têm roupagem linguística específica; os ritmos são livres, independentes, na sua primeira manifestação dos ritmos tradicionais da língua do artista.

Certos artistas, cujo espírito se move francamente no nível não-linguístico, segundo Sapir, chegam a sentir dificuldade de se exprimirem nos termos rigidamente dados do idiomatismo estabelecido. Tem-se a impressão de que eles forcejam por uma linguagem artística generalizada, uma álgebra literária, que está para o conjunto de línguas conhecidas como um simbolismo matemático perfeito está para as indicações de relações matemáticas que a fala normal é capaz de ministrar.

A expressão artística deles é frequentemente forçada, soa às vezes como a tradução de um original desconhecido, e é justamente isso, como afirma Sapir. Para ele, tais artistas impressionam mais pela grandeza de seu espírito do que pela felicidade da sua arte. O seu

relativo fracasso é de alto valor diagnóstico como índice da presença penetrante, em literatura, de um meio linguístico mais amplo, mais intuitivo do que as línguas propriamente ditas.

Toda língua já é em si mesma, aliás, uma arte coletiva de expressão. Segundo o autor, nela oculta-se um conjunto dado de fatores estéticos, fonéticos, rítmicos, simbólicos, morfológicos, que ela não partilha inteiramente em comum com qualquer outra língua. Esses fatores são suscetíveis tanto de fundir-se potencialmente com os dessa linguagem desconhecida e absoluta a que me referi, como de envolver uma técnica artística privativamente sua, que é a arte inata da própria língua intensificada e sublinhada.

Os técnicos extremados da expressão literária chegam a superindividualizar tanto essa arte coletiva, que a tornam quase que efêmera. É lícito ao artista, como afirma Sapir (1971), utilizar-se dos recursos estéticos naturais da sua fala. Deve-se dar por admitida a presença da língua com toda a sua flexibilidade ou rigidez, e ver a obra do artista em relação a ela.

Há certas coisas que uma língua executa perfeitamente bem, mas que seria quase em vão que outra tentasse. Cabe, aliás, perguntar se a sonoridade inata de um sistema fonético dado é de tanto valor, como determinante estético; quanto às relações entre sons, a gama total das semelhanças e contrastes. A base fonética, porém, é apenas uma das determinantes que dão à literatura certa direção. Muito mais importantes são as peculiaridades morfológicas.

Para o desenvolvimento do estilo é de grande importância verificar se a língua pode, ou não, criar compostos, se a sua estrutura é sintética ou analítica, se os vocábulos na frase têm considerável liberdade de posição ou estão obrigados a figurar numa ordem rigidamente determinada. Os caracteres maiores de estilo, na medida em que o estilo é simples questão de técnica de aparelhamento de vocábulos, são ministrados pela própria

língua, tão inevitavelmente, em verdade, como o efeito acústico geral do verso é ministrado pelos sons e acentos naturais.

Esses fundamentos necessários do estilo não chegam a ser sentidos pelo artista como um constrangimento à sua individualidade de expressão. Ao contrário, servem para encaminhá-lo para os desenvolvimentos estilísticos que melhor correspondem à índole natural da língua. Para o autor não há a menor probabilidade de que o estilo verdadeiramente insigne possa contrapor-se seriamente aos sistemas morfológicos fundamentais da língua. Não os incorpora propriamente a si; pois é neles que assenta.

Os mitos, as idéias religiosas, os tipos de organização social, os processos industriais e outros aspectos culturais podem propagar-se ponto a ponto, acomodando-se gradualmente em culturas em que já tinham sido ignorados. Deve-se reconhecer que, segundo todas as probabilidades, certas línguas adotaram influência sugestiva de línguas vizinhas.

Toda língua tem uma sede. O povo que a fala, pertence a um grupo socialmente herdado de práticas e crenças que determinam a trama das nossas vidas. Sapir (1971) afirma que as raças se mesclam de maneira que não sucede com as línguas. Por outro lado, as línguas podem se propagar muito além do berço, invadindo territórios de outras raças e outros âmbitos da cultura. Há uma relação qualquer entre a língua e a cultura e é esse aspecto que se pode chamar “índole de um povo”. Não é, por acaso, inconcebível que as qualidades coletivas especiais que modelaram a cultura não sejam as mesmas que se sabe serem responsáveis pelo desenvolvimento de dada morfologia linguística. A língua, segundo Sapir (1971), é a arte mais ampla e maciça com que o indivíduo se depara, cúmulo anônimo do trabalho inconsciente das gerações.

O que ilustra melhor a dependência formal da literatura em relação à língua do que o aspecto prosódico da poesia. Segundo o autor, estudando-se cuidadosamente a sistema

fonético de uma língua, sobretudo nos seus caracteres dinâmicos, e poderá dizer-se que espécie de verso ela desenvolveu, ou deveria desenvolvido, ou desenvolverá. Sejam quais forem os acentos e as formas de uma língua e seja qual for a maneira por que esses caracteres imponham moldes à literatura, há uma lei sutil de compensação que dá espaço ao artista.

A língua já é por si uma arte coletiva de expressão, súpula de milhares e milhares de intuições individuais. A criação individual perde-se na coletividade, mas a expressão pessoal deixou um traço em certo meneio e flexibilidade, que são inerentes a toda obra coletiva do espírito humano. Ela está apta, portanto, ou pode rapidamente tornar-se apta, a definir a individualidade do artista. Se não aparece nenhum artista literário, não é porque a língua seja um instrumento inadequado; é porque a cultura popular não favorece o desenvolvimento de uma personalidade que sinta necessidade de expressão verdadeiramente própria.

Portanto, o povo que fala determinada língua pertence a um grupo socialmente herdado de práticas e crenças que determinam a sua maneira de construir e ver sua realidade. Sapir (1971) afirma que as raças se mesclam de maneira que não sucede com as línguas. Por outro lado, as línguas podem se propagar muito além do berço, invadindo territórios de outras raças, outras nações e outros âmbitos da cultura. Há uma relação qualquer entre a língua e a cultura e é esse aspecto se pode chamar que “índole de um povo”. Não é, por caso, inconcebível que as qualidades coletivas especiais que modelaram a cultura não sejam as mesmas que se sabe serem responsáveis pelo desenvolvimento de dada morfologia linguística. A língua é a maneira mais ampla e maciça de se expressar o pensamento; cúmulo anônimo do trabalho inconsciente das gerações.

A língua já é por si uma arte coletiva de expressão que se perde na coletividade, mas a expressão pessoal deixou um traço em certo ponto e flexibilidade, que são inerentes

à toda obra coletiva do espírito humano. Ela define a individualidade do falante. Se não aparece nenhum artista literário, não é porque a língua seja um instrumento inadequado; é porque a cultura popular não favorece o desenvolvimento de uma personalidade que sinta necessidade de expressão verdadeiramente própria.

Capítulo 2 – A imanência dos conceitos de Joaquim Mattoso Câmara Júnior

2.1 A linguagem como produto do pensamento e arte individual

Câmara Júnior afirma que para haver linguagem é preciso que o manifestante tenha a intenção de se manifestar, dissociando o conceito de linguagem daquele de interpretação humana diante das coisas da natureza. Georg von der Gabelentz (1840-1893 *apud* CÂMARA JÚNIOR, 1970), filósofo alemão, definiu três traços característicos da linguagem humana: as manifestações linguísticas partem de um propósito claro e definido e cada uma delas se apresenta com uma significação permanente, isto é, idêntica a si mesma, possível de repetir-se com sua individualidade clara em circunstâncias idênticas e por último a divisibilidade na representação.

Pode-se atribuir aos gestos dos animais irracionais, de acordo com Gabelentz, um propósito mais ou menos preciso, não lhes atribuindo as duas outras propriedades, porque neles as representações são essencialmente globais e não têm uma correspondência constante com um dado conjunto expressivo, pois não há possibilidade de se aterem a um trabalho mental de construção representativa diante do mundo exterior e do mundo interior. Assim acentua Ernest Cassirer (1874-1945), citado por Câmara Júnior, como os “brutos” não vão além da “ação e reação”, sem quaisquer representações mentais que façam daquele espaço um todo unificado e compreensivo, e é a articulação que traça a linha divisória entre a linguagem dos homens e dos brutos e entende-se que a articulação é:

[...] o processo de dividir em membros mínimos, ou elementos, uma enunciação vocal e a representação mental que nela se consubstancia e exterioriza. A articulação é assim decorrente da divisibilidade: a enunciação humana vocal humana é articulada, porque se presta a uma divisão sistemática, por meio da qual chegamos a elementos sônicos significativos. E por outro lado, esses elementos existem, porque a sua significação permanente assegura a sua individualidade nítida e nos faz reconhecê-los, sempre idênticos a si mesmos, nas mais variadas circunstâncias (CÂMARA JR., 1970, p. 16).

Cada comunidade de homens serve-se, de acordo com Câmara Júnior, de uma língua, cuja propriedade essencial é a de ser representativa, criando-se na linguagem um “mundo” ou “cosmos”, mesmo que não siga a interpretação racional ou lógica estabelecida pela sociedade. Os homens passam a compreender a sua realidade de certa maneira e, partindo da compreensão comum, concretizada na língua, podem-no fazer assunto de comunicação entre si. O psicólogo alemão Karl Bühler (1879-1963), citado por Câmara Júnior, insiste na função representativa, embora diga que ao lado desta, duas outras funções, não menos importantes: a exteriorização psíquica, quando através da linguagem o indivíduo manifesta o seu estado de alma, e a atuação social ou apelo, por meio da qual atua sobre o próximo na vida social.

A exteriorização psíquica também é revelada na voz dos animais; assim, o latido do cão manifesta também um propósito de atuar sobre o próximo, seja este outro animal ou o homem. Falta-lhe nitidamente, porém, a representação, conforme Bühler, da qual decorre a significação permanente e, portanto, a significação devido à ausência do caráter representativo. Por causa do caráter essencialmente representativo da linguagem humana, as duas outras funções adquirem um caráter geral que as distingue inconfundivelmente da exteriorização psíquica e do apelo depreensíveis na voz dos animais. O grito doloroso de um cão não se iguala a uma frase exclamativa, pois nesta, a exteriorização psíquica se processa na base de representações mentais articuladas.

De acordo com Câmara Júnior, para Alfred Luis Kroeber (1876-1960), a cultura compreende os três estágios evolutivos da natureza: inorgânico, orgânico e superorgânico, pois ela é o conjunto de todas as criações humanas. Ao utilizar os sons, que são fenômenos físicos, a linguagem assenta-se no inorgânico, se sobrepondo ao fenômeno biológico, por se tratar de sons articulados produzidos pelos nossos órgãos vitais. Para Câmara Júnior, a linguagem é uma criação do homem na base de suas faculdades humanas, tanto como

outros produtos, quer materiais, quer materiais. A linguagem é uma atividade cultural em sua natureza e em seus propósitos.

Há condições que tornam a língua uma coisa à parte em face dos fatos não-vocais de cultura. Primeiramente, ela funciona na sociedade para comunicação dos seus membros, numa relação de dependência com a cultura, pois tem de expressá-la a cada momento. Câmara Júnior afirma que é o resultado de uma cultura global, e isso não acontece com os outros aspectos culturais: “em cada um deles se refletem outros, é verdade, como as concepções religiosas na arte, a arte na indústria, e assim por diante; mas nenhum deles existe para expressar todos os outros” (CÂMARA JÚNIOR, 1970, p. 21).

Pode-se dizer também que a língua só existe para esse fim e não tem finalidade em si mesma. A sua função, nas palavras de Câmara Júnior, é “expressar a cultura para permitir a comunicação social” (CÂMARA JÚNIOR, 1970, p. 21). Por isso, o autor afirma que por meio dela se processa o intercâmbio cultural na sociedade, e ela se torna o acompanhamento de cada fato cultural de duas maneiras: 1) dando-lhe um aditamento linguístico, como a oração na religião, as leis no direito, as regulamentações na indústria, entre outros, a linguagem, na literatura, está na própria essência da atividade cultural, pois ela é construída a partir da linguagem; 2) propiciando a atuação uns com os outros dos membros participantes de uma atividade cultural, com as ordens, explicações etc. A função da língua é englobar a cultura, comunicá-la e transmiti-la através das gerações, estando totalmente associada com a atividade mental humana.

O falante se nivela com a linguagem dos animais quando emite gritos de dor, de raiva, de desespero, etc. num ato de enunciação de sons “inarticulados”, contudo pode-se dizer que se está acima, quando se enuncia sons que apresentam uma significação mais ou menos permanente e são passíveis de se dividirem em elementos sônicos definidos, como

as interjeições e onomatopeias, que assim constituem um setor de transição para a linguagem representativa elaborada.

Compreende-se, portanto, na fala de Câmara Júnior, que a linguagem está indissolivelmente associada com a atividade mental humana, a qual só em virtude dela se pôde firmar a desenvolver, por isso que se chegou à conclusão de que não se trata apenas de um recurso para expressar pensamentos, emoções e vontades. É o meio essencial para se chegar a esses estados mentais. Sem isso, eles seriam difusos e inconscientes, como o dos brutos, presos, como já falado, num espaço vital de mera ação e eficiência. A compreensão do mundo exterior e interior resume-se numa construção e representação desse mundo dentro do nosso espírito, através de um trabalho mental que depende da linguagem como a marcha animal depende das pernas, como afirmado por Cassirer (*apud* Câmara Júnior, 1971). Cassirer ainda diz que há uma “aderência essencial” (CÂMARA JÚNIOR, 1970, p. 24) do pensamento às palavras. Portanto, toda a atividade mental está alicerçada nessa função representativa.

A onomatopeia não é um elemento linguístico integrado na função representativa, mas exerce a função da exteriorização e do apelo, por isso exige da língua um esforço para se coordenar sensorialmente como as coisas que representa, mas não passa de aproximação, uma forma estética para a exteriorização psíquica ou apelo. Esses elementos da língua só se tornam símbolos linguísticos a partir da articulação dos sons que as formam.

Para Câmara Júnior, a língua é um sistema ao mesmo tempo individual e social, pois ela “só existe com soma de múltiplos atos vocais individuais, porém nesses atos cada homem se serve de um sistema de elementos vocais que recebeu da sociedade em que vive”, por isso o falar é sempre um ato social. Câmara Júnior chegou a essa concepção por meio dos estudos de Ferdinand de Saussure (1857-1913), que define a língua como um

sistema de elementos vocais comum a todos os membros de uma dada sociedade e que a todos como uma norma definida; já a fala ou “discurso”, para Saussure nas palavras de Câmara Júnior, “é a atividade linguística nas múltiplas e infindáveis ocorrências da vida do indivíduo” (CÂMARA JÚNIOR, 1971, p. 24).

Câmara Júnior explica que a distinção entre língua e discurso se dá entre as imposições gerais da sociedade e a atividade de cada um de nós, sujeita às inspirações do pensamento individual. Os discursos aparentemente nos parecem atos mentais individuais, mas Câmara Júnior afirma que o indivíduo não cria linguagem, apenas aplica aquela que a sociedade lhe ensinou. Pode-se dizer, de acordo com o autor, que ela lhe impôs uma “coerção coletiva”, baseando-se na teoria de Antoine Meillet.

É importante mencionar o que Saussure, na fala de Câmara Júnior, delimita como individual no ato de linguagem, ou discurso. Quando se cria um discurso, deve-se pensar no ideal estético ali presente, ou seja, “o esforço do falante para expressar-se da maneira mais adequada possível às circunstâncias em que se encontra”, procurando algo linguisticamente pessoal, fugindo assim da “automatização na formulação linguística” (CÂMARA JÚNIOR, 1970, p. 25, *passim*).

Câmara Júnior define a língua por dois de seus aspectos: um sistema social e normativo sobre o qual se desdobram os discursos individuais. O primeiro aspecto vem a ser o sistema, ou o código, oposto ao ato linguístico, que é a mensagem. O segundo aspecto é o que é chamado de norma. Contudo, o autor afirma que se deve acrescentar o aspecto da representação, por meio dos elementos que compõem o sistema linguístico, pois quando se utiliza os elementos da língua em um determinado discurso, não se percebe a carga emocional contida nos atos da linguagem. Por isso ele chega à conclusão de que a língua é coletiva, mas cada um de seus falantes tem certas particularidades linguísticas ou

preferências, criando-se assim múltiplas línguas individuais ou “idioletos” (SAPIR, 1971, p. 124).

O estilo é em princípio individual, pois está modelado pelos impulsos de uma mente individual, mas os traços estilísticos coincidem com os dos outros indivíduos da sociedade, pois ao comportamento aplicam-se as normas sociais coletivas, isso é dito por Sapir: “Ficamos muitas vezes sob a impressão de que somos originais, e até aberrantes, quando na realidade estamos meramente repetindo um padrão social com um acento mínimo de originalidade” (SAPIR, 1971, p. 126).

2.2 O conceito de evolução da língua para Câmara Júnior

As mudanças contínuas e incessantes que com o correr do tempo sofrem as línguas, foram percebidas pelos grandes teóricos da linguística. Câmara Júnior (1970) afirma que já é relativamente antiga a noção de que toda língua muda incessantemente no tempo. A partir disso o autor define evolução linguística como a mudança paulatina e perene, a que está sujeita a língua transmitida de pais a filhos como legado social, e assim, de acordo com Câmara Júnior:

Há uma evolução do sistema fonológico e há concomitantemente uma evolução do sistema gramatical no seu jogo de morfemas categóricos e relacionais. Há ainda uma evolução de tipos frasais. Há finalmente uma evolução de ordem significativa, abrangendo a das categorias gramaticais e a das significações (CÂMARA JÚNIOR, 1970, p.193).

Com o enfoque dado por Saussure (1993), em seu estudo descritivo ou sincrônico do sistema linguístico, a uma mudança paulatina e progressiva da língua pressupôs a palavra *evolução* como um processo de mudanças graduais e coerentes, e não mais no plano de

uma ciência evolucionista que tinha como característica a marcha de uma forma rudimentar para sua plenitude, à maneira de um ser vivo.

Para compreender a evolução linguística, Câmara Júnior (1970) afirma que é preciso atentar para o fato de que a linguagem é um meio de transmissão e consubstanciação de ideias, e não tem finalidade em si mesma. Por isso que uma iniciativa consciente de mudança, na expressão linguística, tem o resultado contrário de desviar-nos das ideias expressas para a maneira porque o foram, e essa condição não é constante do funcionamento linguístico. As condições em que se realiza a fala cotidiana, não são propícias, como observa Câmara Júnior (1970), a inovações refletidas por parte do falante. Para ele, e na conceituação de Fraz Boas (*apud* Câmara Júnior, 1970), a fala depende de um automatismo psicológico, que se destaca de todos os fenômenos sociais. Sendo assim, ela se torna tão espontânea que, como observa Sapir (1971, p.12), quase não se sente diferença de natureza entre andar e falar, embora na realidade haja aí a profunda oposição entre uma atividade instintiva e uma aquisição social, como é a linguagem. As transgressões ao sistema linguístico provêm, portanto, de uma convenção social, e não do intento individual consciente de inovar.

Os membros de uma coletividade adquirem a língua materna através de múltiplas experiências, variáveis de um para outro nas condições concretas e, portanto, constitui-se em cada um de nós, diz Câmara Júnior (1970), uma estruturação linguística própria, não coincidindo com as dos demais nos detalhes; cada um de nós possui o seu idioleto, sem ter a noção clara das suas próprias pequenas divergências. Existe sempre, nesse particular, um campo meio incerto e fluido, em que a tradição coletiva não pressiona as estruturações linguísticas individuais. Quando, porém, afirma Câmara Júnior (1970, p.195), a realização do falante colide com os centros de linguagem solidamente organizados, e sentidos como

tais pela comunidade linguística, se tem a noção de mudança. Em termos de valores sociais, há então o que se chama o “erro”.

A inovação, nessas condições, é inoperante. Muitas vezes é ocasional e está em conflito com o próprio idioleto do falante que a usou e a refulga como lapso. Outras vezes caracteriza esse falante e, citando Antoine Meillet (1866-1936, *apud* Câmara Júnior, 1970), “elimina-se ao mais tardar com a morte do indivíduo que inovou”.

Câmara Júnior ressalta que há uma terceira possibilidade. Não se verifica reação coletiva, e a inovação acaba integrando-se na norma da língua. Câmara Júnior a partir dessa possibilidade afirma que a criação individual é socialmente apreendida e imitada, porque a comunidade já estava predisposta nesta direção. Muitas vezes, até, têm-se inovações, nos discursos individuais, feitas e recebidas sob a falsa impressão de que não houve afastamento da norma. O inovador é apenas o intérprete passivo de uma mudança latente na língua coletiva. A existência dessa tendência coletiva para a inovação é denominada por Câmara Júnior, como Sapir já havia feito em seus estudos, com o termo “deriva”, associando a atividade linguística à agitação das águas em curso, em que o movimento aparentemente das ondas tem uma determinada direção (SAPIR, 1971, p.160).

CÂMARA JÚNIOR (1970, p.196) destaca três forças no sentido de determinadas mudanças. Em primeiro lugar, para o autor, há a necessidade de sincronizar a língua com a evolução da cultura, que é seu material a exprimir, havendo assim, nas palavras de Meillet e Joseph Vandryes (1871-1960, *apud* CÂMARA JÚNIOR, 1970), um progresso linguístico. É preciso não esquecer, por outro lado, a tensão emotiva, que introduz o intento estético na formulação linguística; esse intento, na opinião de CÂMARA JÚNIOR (1970), que é a essência do estilo, pode determinar mudanças de ordem linguística *stricto sensu*, facilmente aceitas, porque a inadequabilidade do sistema linguístico vigente, nesse particular, é geralmente sentida.

Finalmente, e principalmente, há a circunstância de que o sistema linguístico não está estruturado de uma maneira cabal e suficiente, e isso é reafirmado nas palavras de Cohen citadas por Câmara Júnior (1970, p.196) “suas forças internas de coesão, por um lado, e, por outro lado, de desequilíbrio”. Para Câmara Júnior (1970, p. 197), em outros termos, os seus elementos se acham num equilíbrio instável e as suas articulações têm inúmeros pontos fracos e até falhas. Ela é antes como esses conjuntos arquitetônicos enormes e cheios de ramificações, que partiram de um plano inicial há mais de 100 anos, mas em seguida foram se desenvolvendo com múltiplas modificações, até que não raro as partes antigas em discordância com o novo plano, ao invés de eliminadas, foram adaptadas, e numa composição inteiramente outra, receberam uma função para que não estavam de início destinadas, enquanto, por sua vez, as partes novas raramente são feitas de material novo, mas sim de vigas, portas, janelas e até compartimentos inteiros da construção antiga que já não se usam no seu antigo lugar e na sua antiga função, pressupondo a possibilidade e até a urgência de certas mudanças que, uma vez insinuadas num discurso individual, se propagam facilmente. É por isso que as línguas não existem fora dos indivíduos que as falam.

Câmara Júnior (1970) afirma que a evolução geral gramatical da língua tem início com a evolução fonética, pois a forma linguística tende a manter-se por inércia mesmo depois de esvaziada de todo conteúdo nocional. Só a evolução fonética elimina séries de morfemas, que de outro modo persistiriam pela simples ação do automatismo linguístico aos padrões formais; para demonstrar isso ele deu exemplo do que sucedeu em inglês em referência à substituição da categoria nocional de sexo à gramatical de gênero. De acordo com Câmara Júnior (1970), a tendência fonética do inglês moderno a restringir o vocábulo à sílaba radical permitiu que se desse uma remodelação categórica, que há tempos ficou sustentada pela manutenção das sílabas finais.

Por outro lado, a eliminação fonética de certos morfemas conduz a uma remodelação de morfemas de uma língua. Há uma tendência, ou, como Sapir (1971) nomeia, uma deriva, nesse sentido, que se articula com a deriva fonética para chegar a uma nova estruturação gramatical. Para Câmara Júnior (1970, p. 199) a evolução fonética executada na forma externa das línguas as mudanças gramaticais que já estão prefiguradas na sua forma interna.

O aparelho fonador humano é o mesmo, de indivíduo para indivíduo, na constituição geral anatômica e na atividade fisiológica, por isso pode-se concluir que as mudanças fonéticas apresentam tipos definidos e constantes. Por outro lado, de acordo com Câmara Júnior (1970, p. 223), as possibilidades articulatórias se realizam em cada língua em número limitado e condições determinadas, concatenando-se num sistema definido de fonemas. A compreensão da fonética evolutiva, em seus termos fisiológicos, está na circunstância de ser o jogo articulatório, necessário à realização da linguagem humana, qualquer coisa de extremamente sutil e instável. Percebe-se assim que as possibilidades de desvio são múltiplas, para cada articulação, durante a sua execução generalizada e contínua nos incessantes discursos individuais. São justamente as ligações que firma o sistema, com o seu quadro preestabelecido de fonemas. Formando uma estrutura, o que funciona, ao lado do peso da tradição coletiva, como força compensadora de estabilidade.

Essa estabilidade funcional, nas palavras de Câmara Júnior (1970), é relativa e elástica. O fator fisiológico de instabilidade atua amplamente no âmbito sincrônico, na medida em que não concorre para tumultuar o sistema nem perturbar a comunicação oral. Por isso, cada fonema abrange um campo de realização mais ou menos amplo e envolve em sua unidade ideal as diferenças concretas, que são variantes.

Da variação sincrônica passa-se a uma mudança propriamente dita, quando, ao contrário, a realização importa num abalo e numa alteração do sistema de fonemas. Para

Câmara Júnior (1970) se trata de mudança exclusivamente individual, temos tipicamente o erro. Outro, porém, é o caso, quando se firma a mudança na coletividade e com ela a alteração do sistema. Câmara Júnior qualifica o fenômeno como evolutivo, porque pressupõe uma série de mudanças paulatinas e encadeadas, que não decorrem do intento consistente de inovar. O falante modifica as articulações de maneira subconsciente, debaixo da convicção de que estão sendo respeitadas as articulações tradicionais. E a mesma convicção, afirma Câmara Júnior, domina os que o ouvem e aceitam a inovação. O autor confirma isso se firmando nas palavras de Ernest Hermann Paul (1878-1956 *apud* Câmara Júnior, 1970), pois ele afirma que “a diferença de execução não é corrigida, porque a diferença de som não é suficientemente sentida”. Portanto, há uma série de mudanças fonéticas, linguisticamente irrelevantes quando consideradas isoladamente, mas cujo resultado acumulado envolve uma mudança fonológica ou fonética, que é a mudança linguística propriamente dita.

A mudança linguística pode ser o aparecimento de um novo fonema. Mudanças paulatinas e graduais resultam em passos preparatórios para a fixação de um conjunto novo de articulações, com traços distintivos próprios, que anteriormente não existiam ou não tinham relevância no sistema. O fenômeno oposto ao que assim é chamado valorização fônica, denominado por Câmara Júnior (1970, p. 225) retomando uma nomenclatura usada por Roman Osipovich Jakobson (1896-1982), é a “*devalorização*, ou anulação de um som como fenômeno da língua, dando o esvaimento do fonema em todas as posições em que se encontra no vocabulário da língua, ou dá-se a sua confusão com outro fonema em virtude de uma convergência articulatória que elimina certos traços distintivos”.

Nem sempre a devalorização elimina um fonema da língua. É que outro fonema ou grupo de fonemas pode evoluir no sentido do fonema desaparecido, indo ocupar o seu lugar. Outras vezes, tem-se a passagem de um fonema para outro já existente na língua,

umentando o que se pode chamar, como Sapir, o peso ou valor ponderado deste último sistema. Ou a evolução determina uma mudança de natureza do fonema, que passa a caracterizar-se por novos traços distintivos.

Para falar da terceira possibilidade de alteração num sistema fonêmico cita como exemplo a evolução das consoantes oclusivas velares indo-européias, pois essa possibilidade já não é uma valorização ou desvalorização fônica, mas de uma “revalorização”, como disse Jakobson.

A fonética consegue apreender um quadro geral dos tipos de mudança articulatória, abstraídos dos sistemas linguísticos em que repetidamente se realizam nas mais variadas diferenças de tempo e espaço. Câmara Júnior (1971) destaca inicialmente as mudanças combinatórias consequentes da contiguidade de dois sons determinados em determinados encadeamentos fônicos. Os sons, em virtude da natureza das suas articulações, tendem a harmonizar-se entre si, ou a contrapor-se ainda com mais nitidez, ou a permutarem. Em fonética evolutiva têm-se os fatos gerais da assimilação, da diferenciação e da intersetivação.

A assimilação é definida por Carlo Battisti (1882-1977 *apud* Câmara Júnior, 1970) como uma fusão da metástase de um dado som com a catástase do seguinte. No âmbito sincrônico é ela que explica o alofone ou variante de um fonema. No âmbito diacrônico, tem-se com isso a perda ou aparecimento das vibrações glotais (sonorização e ensurdecimento) e os casos variados em que, na opinião de Câmara Júnior, por influência de outro contíguo, um fonema sofre aumento ou diminuição do abrimento bucal ou muda o seu ponto de articulação.

A diferenciação é um movimento articulatório, a princípio homogêneo, que se rompe na sua continuidade. Isso determina o aparecimento de dois fonemas distintos. A esse respeito, Câmara Júnior cita, como exemplo, a ditongação de uma vogal, quando há maior ou menor cerramento bucal no início ou no fim de sua prolação. A intersetivação, na

definição de Edouard Bourciez Grammont (1854-1946 *apud* Câmara Júnior, 1970), é um fenômeno que consiste em colocar dois fonemas contíguos numa ordem mais cômoda.

Esses três tipos gerais de mudanças, de acordo com Câmara Júnior (1970, p. 229) são nitidamente fisiológicos. Vão-se desenvolvendo de maneira gradual, sem uma percepção diretriz. Do ponto de vista mental, Câmara Júnior cita as palavras de Hermann Paul: “se dá um deslocamento do sentido articulatório na execução fonadora”.

Assim, a instabilidade, daí decorrente, não tem maior alcance sincrônico, mas provoca abalo no sistema de fonemas. E, quando pelos mais variados motivos se generaliza a firma uma mudança fonética, o sistema passa a ser diacronicamente afetado.

Ao se abordar a evolução linguística, deve-se pensar primeiramente na evolução fonética pois, como afirma Câmara Júnior, “desempenha o papel de impulso inicial para a evolução geral gramatical da língua” (CÂMARA JÚNIOR, 1970, p. 197). A forma linguística tende a manter-se por inércia mesmo depois de “esvaziada” de todo o conteúdo nocional, cabendo apenas à evolução fonética eliminar séries de morfemas que, se não fosse assim, persistiriam pela simples obediência aos padrões formais. A linguística histórica.

Para Câmara Júnior, a linguística histórica colocou mal a primazia da evolução fonética. Ao se pensar nas mudanças paulatinas e incessantes dos sons como determinadas apenas como resultados das condições físicas e fisiológicas, pondo-se em falso o princípio de uma evolução fonética cega e incoercível, a abalar, desgastar e subverter todo o sistema mórfico. Hoje se pode perceber que o desaparecimento dos morfemas e a remodelação do sistema de morfemas de uma língua não são impostos propriamente pelas mudanças fonéticas. Há uma tendência ou, de acordo com Câmara Júnior, nas palavras de Sapir, uma deriva neste sentido, que se articula com a deriva fonética para chegar a uma nova estruturação gramatical.

A evolução fonética executa na forma externa das línguas as mudanças gramaticais que já estão prefiguradas na sua forma interna. Para isso vale dizer que há nas línguas, nas palavras de Câmara Júnior, “uma evolução íntima ideal” (CÂMARA JÚNIOR, 1970, p. 199), que ainda nos surpreende, pois, de acordo com o linguista norte-americano Sapir, os falantes ainda não aprofundaram de forma detalhada nas bases intuicionais da linguagem (SAPIR, 1971, p. 196). A partir disso, as reflexões feitas com relação à evolução fonética, que se apresentam nos caminhos da normatização linguística, devem ser feitas considerando a língua como uma instituição social consciente de todas as evoluções em seu sistema.

A fonética evolutiva é compreendida, fisiologicamente, de acordo com Câmara Júnior Câmara Júnior, quando se entende que as circunstâncias do jogo articulatório, necessário à realização da linguagem humana, como algo sutil e instável. As possibilidades de desvio são múltiplas, para cada articulação, durante a sua execução generalizada e contínua nos incontáveis discursos individuais. O sistema linguístico estabiliza-se por meio de seu quadro fonético preestabelecido que atua como ligações que “amarram” e estabilizam esse sistema. Essa estabilidade é, nas palavras de Câmara Júnior, relativa e elástica, pois “cada fonema abrange um campo de realização mais ou menos amplo e envolve em sua unidade ideal as diferenças concretas, que são as variantes (CÂMARA JÚNIOR, 1970, p. 223). Dessa variação sincrônica passa-se a uma mudança diacrônica, quando se afirma a mudança individual, considerada como erro, na coletividade e com ela a alteração sendo chamada de evolução, porque pressupõe mudanças paulatinas e encadeadas que não provém da tentativa consistente de inovar.

O falante muda as articulações de maneira subconsciente, debaixo da convicção de que estão sendo respeitadas as articulações de maneira subconsciente, debaixo da convicção de que estão sendo respeitadas as articulações tradicionais, e a mesma convicção

domina os que o ouvem e aceitam a inovação. Por isso que há uma série de mudanças fonéticas, linguisticamente irrelevantes quando consideradas isoladamente, mas cujo resultado acumulado, para Câmara Júnior, envolve uma mudança fonológica ou fonêmica, chamada mudança linguística.

Outro fato linguístico que estabelece traços linguísticos novos dentro da língua é o empréstimo e ele é responsável pela renovação do vocabulário, cuja continuidade, através do tempo, é constantemente interrompida. Os empréstimos vocabulares tem a tendência geral de adotarem a fisionomia mórfica da língua portadora e no caso das línguas espacialmente integradas ou coexistentes numa área dada, criando-se o fato social bilinguismo em que em um meio social indivíduos que são falantes das duas línguas simultaneamente, com pleno domínio fonético e sistemático de ambas.

Câmara Júnior afirma que o bilinguismo generalizado é até uma fase obrigatória, a bem dizer, de transição, quando se verifica por colonização, supremacia cultural ou conquista, o fenômeno de substituição de línguas. Para ele há um momento em que uma ou mais gerações já dominam a língua em expansão e conserva, a língua que se contrai e declina, usando uma ou outra conforme a situação social. Como os sistemas de fonemas são essencialmente “contingentes”, de acordo com Câmara Júnior (1970), o novo fonema enquadra-se às vezes com relativa facilidade nas correlações e contrastes da língua portadora. Quando muito, aí determina de início uma remodelação sistemática, com a valorização de certos traços fônicos e, a devalorização de outros. Outras vezes, nessa reelaboração, perde em parte o seu aspecto típico e passa a constituir um novo feixe de traços distintivos.

Câmara Júnior afirma que o ponto de vista de Franz Boas (1858-1942) se firma na doutrina da difusão dos traços fônicos, mais propriamente do que na admissão do empréstimo de fonemas, que são, de acordo com aquele, um “feixe de traços” integrados

numa entidade fônica típica. Paralelamente à difusão das categorias gramaticais, no âmbito mórfico para uma aplicação do “conceito etnológico da difusão” em matéria de linguagem e da divisão geográfica como base, em última análise, de uma divisão das línguas a que Sapir chamou de “processos gramaticais” (SAPIR, 1971, p. 63).

De forma a complementar as considerações de Câmara Júnior sobre a amplitude do fenômeno do empréstimo, Câmara Júnior salienta que é bastante comum, de língua para língua, a imitação de determinados tipos de frase. Ele diz que é o que o autor Vendryes estuda sob o nome de decalque, que se apresenta principalmente na sintaxe da língua escrita, se constituindo modelo de uma língua escrita estrangeira. Para Câmara Júnior, Meillet salienta como se harmonizam nesse sentido as múltiplas e diversas línguas da Europa. Explica-se isso com base nisso como a simbiose frasal e o estilo em sintaxe facilita o empréstimo.

Os empréstimos foram divididos por Câmara Júnior, com base na teoria de Vendryes, em culturais e íntimos, abrangendo o primeiro todas aquelas aquisições estrangeiras que uma língua faz em virtude das relações políticas, comerciais ou culturais, propriamente dita, com povos de outros países. Ao se falar das relações culturais, há analogamente a hegemonia de uma das línguas. Da nação do falante é que parte o influxo cultural. As relações comerciais, ao contrário, determinam um intercâmbio nítido de empréstimos. Por isso não há uma língua predominante que, nas palavras de Câmara Júnior, empresta sem tomar emprestado. Ele afirma que um povo ocidental “civilizado” pode nestas condições assimilar variados vocábulos de tribos minoritárias e selvagens, a partir disso pode-se concluir que o volume e a direção das aquisições dependem de condições extralinguísticas, para tanto está posta a supremacia política ou cultural, e nas relações comerciais os empréstimos dependem do número e importância dos artigos novos que cada povo assim adquire.

A resistência de ordem linguística, que se pode opor à intensificação dos empréstimos, está numa possível estrutura vocabular, excessivamente complexa, que caracteriza a língua importadora. Ainda pode-se dizer que o vocábulo é normalmente em certas línguas, de acordo com Sapir (SAPIR, 1971, p. 209), uma entidade composta por elementos significativos, sincronicamente falando. O termo estrangeiro, embora adaptado à morfologia do vocabulário nativo, persiste então com caráter “anômalo”, pois está constituído sobre a base da motivação do signo linguístico, em que a significação global de um vocábulo depende do valor significativo de seus segmentos fonológicos, que ao se somarem determinam a representação do vocábulo.

Em relação à concepção de linguagem, Câmara Júnior era, de fato, influenciado por uma abordagem mentalista, pois afirmava que para “haver linguagem é preciso [...] uma atividade mental tanto no ponto de partida quanto no ponto de chegada”, ou seja, “é preciso que o manifestante tenha tido a intenção de manifestar-se” (CÂMARA JÚNIOR, 1970, p. 15).

Primeiro, se em toda linguagem há planejamento, então todas as línguas estão em pé de igualdade, pois permitem ao falante planejar e exteriorizar suas intenções. Segundo, entende-se que a linguagem como manifestação de intenção serve aos objetivos do falante. Terceiro, a linguagem como resultado de planejamento e possuidora de finalidades é resultado da interação com outros interlocutores. De acordo com Câmara Júnior, esta cadeia se constrói naturalmente: planejamento–intenção–interação.

Para Câmara Júnior, ao se compreender a linguagem como atividade mental é essencial que se aceite que a linguagem humana é “representativa” (CÂMARA JÚNIOR, 1970, p. 16), um grupo de pessoas adota uma linguagem, ou uma língua, para representar o mundo e para representar seu interior (pensamentos, sentimentos, intenções) para os demais membros

da comunidade. Dessa forma, a partir da representatividade cria-se na linguagem um mundo, no qual as pessoas compreendem o espaço (em que vivem) de certa maneira, e a partir desse entendimento, podem comunicar sua compreensão e seu mundo para satisfazerem suas intenções.

Em *Princípios de Linguística Geral* (1970, p. 20) Câmara Júnior também caracteriza a linguagem como uma espécie de “*arte, a qual foi elaborada pelo esforço criador do homem*”, visto que o aparelho fonador humano não tem como função primordial a fala e sim, como função desenvolvida secundariamente, já que as suas funções essenciais são a respiração e a nutrição do corpo.

Câmara Júnior mostra que há uma relação bem próxima entre a linguística e a antropologia cultural. Ele afirma que a linguagem está ligada à cultura, e que a cultura não existe sem a socialização e a linguagem, formando, assim, uma intrincada cadeia: “[...] funcionando na sociedade para a comunicação dos seus membros, a língua depende de toda cultura, pois tem de expressá-la a cada momento. É o resultado de uma cultura global”. De maneira mais específica, para Câmara Júnior, a língua somente existe para propagar e manter a cultura, e “não tem finalidade em si mesma” (CÂMARA JÚNIOR, 1970, p. 21, *passim*).

Assim sendo, a grande função da língua para Câmara Júnior é “expressar a cultura para permitir a comunicação social” (CÂMARA JÚNIOR, 1970, p. 21). A cadeia longa e complexa que se forma, de acordo com o pensamento de Câmara Júnior, pode ser descrita como se segue: a linguagem, como uma forma de arte, é resultado da criatividade do homem, essa arte serve para que se transmita a cultura; a cultura precisa do social e a sociedade precisa da língua para a transmissão da cultura.

A linguagem é o principal instrumento para a transmissão da cultura e não tem função em si mesma. Além disso, a linguagem é fenômeno essencialmente mental, ou seja,

está conectada ao pensamento. Além disso, é importante salientar que Câmara Júnior aborda a mudança linguística como resultado de mudanças sociais, o que influencia na velocidade (mais lenta ou mais acelerada) da deriva de uma língua.

CAPÍTULO 3 - As similaridades entre Sapir e Câmara Júnior

Esse trabalho tem o intuito de mostrar como Sapir teve forte influência na construção da teoria e ideais de Câmara Júnior. Primeiramente, isso pode ser inferido por Câmara Júnior ter traduzido as duas principais obras de Sapir para o português. Em seguida, a evidência mais forte, as citações de trechos dos textos do autor norte-americano na obra de Câmara Júnior.

Ao analisar um discurso, coloca-se diante da manifestação de um sujeito, que por estar inserido na sociedade, segue princípios e ideais norteadores daquele grupo, por isso que mesmo sendo diferentes fisicamente, dois indivíduos não serão nunca totalmente diferentes, pois como afirma Milani (2011):

A sociedade e suas marcas geram um equilíbrio que permite a convivência, de tal forma que explicar a sociedade como regrada e estruturada é inócuo, porque sem esses aspectos classificatórios não existe sociedade. Assim sendo, a sociedade, diferentemente do indivíduo, não tem aspectos inatos, e pode ser reduzida a um único princípio, o da opressão pela categorização. (...) Diante das situações sociais, os indivíduos são obrigados a escolher, e terão de fazê-lo a partir de suas condições físico-inata e sociais aprendidas (MILANI, 2011, p. 21, *passim*).

De acordo com Milani, os conceitos serão contínuos, pois advém da sociedade que é sempre estável e conservadora. São os indivíduos que, oprimidos pelos limites impostos pela sociedade e numa tentativa de libertação, mudam a sociedade, atualizando-a, como dito por Milani (2011):

Os indivíduos estão sempre tentando superar os limites que lhe são impostos pela sociedade. Nesse esforço, por meio dos arranjos metodológicos que lhes caracterizam, agem dando vida à sociedade e criando novas disposições de conceitos, que permitem a atualização da sociedade (MILANI, 2011, p. 24).

Percebe-se que Câmara Júnior rompe com a doutrina linguística no Brasil, que se baseava nos estudos filológicos de descrição de línguas. Para Uchôa (2004, p. 5), a partir do contato com Sapir e outros estudiosos norte-americanos, Câmara Júnior começa a ver a língua como reflexo de uma determinada cultura e um meio para a comunicação humana. O discurso de Sapir demonstra sua preocupação com a maneira pela qual o indivíduo manipula na sua expressão pessoal os padrões coletivos e “arbitrários” da língua. É a

questão básica, formulada por Saussure na dicotomia *langue-parole*, bem como a questão do estilo individual, que se debate, sem contato direto com o pensamento saussuriano.

Quanto ao problema da arbitrariedade do signo linguístico, outro princípio básico da doutrina saussuriana, de acordo com Câmara Júnior (1954), a solução a que chega Sapir, por caminho próprio, é de que há uma associação espontânea entre os sons vocais e as nossas impressões do mundo extralinguístico e que tal associação, de que as línguas não tomam conhecimento em suas estruturações formais está pronta a vir à tona, quando o indivíduo se desvencilha das formas concretas de sua língua e das relações arbitrárias entre som e conteúdo que aí se estabelecem.

Câmara Júnior foi o introdutor da linguística no Brasil, no início da década de 1940. Para Uchôa (2004, p. 3) seu discurso “contrastava nitidamente com o discurso sobre o estudo da linguagem então dominante no Brasil, discurso centrado na língua portuguesa, identificado como discurso filológico”. Como constata Uchôa (2004), os estudos linguísticos brasileiros priorizavam os estudos diacrônicos e documentais e, embora com discrepâncias no âmbito dos estudos variacionistas ao se analisar a língua literária, faziam parte de uma mesma perspectiva de estudos referentes à língua.

Uchôa (2004, p. 4) afirma que, ao traduzir a obra de Edward Sapir, “A Linguagem: Introdução aos Estudos da Fala” publicada em 1921, “Mattoso produziu um discurso metalinguístico bem dissonante do que se valiam os estudiosos da época para falar de etimologias ou para analisar fatos da língua literária e de falares regionais”. O interesse de Sapir a respeito da visão antropológica da linguagem, conseqüentemente, Câmara Júnior pela relação mantida com Sapir e demais linguistas norte-americanos, é atribuído ao contato com Franz Boas e suas pesquisas com tribos indígenas, momento em que ele deixou de realizar pesquisas filológicas e descrições gramaticais e passou a interpretar as línguas relacionando-a ao grupo social no qual o falante está inserido e à realidade na qual vive.

Como afirmado pelo próprio Câmara Júnior em seu prefácio à obra do autor norte-americano, Sapir contribuiu decisivamente para uma ruptura epistemológica e teórica nas ciências humanas ao criticar aberta e radicalmente as correntes dominantes do pensamento social da sua época, com destaque para o evolucionismo e o funcionalismo. Simultaneamente, e como visto, Sapir abriu caminho para o que ficaria muito depois

conhecida como a "virada linguística" ou "virada discursiva" nas ciências humanas, que fez a linguagem passar a ser considerada um aspecto central dos processos sociais e culturais.

3.1 A relação entre língua e pensamento

É comum se ouvir dizer que a língua é um fator de identificação cultural, pois as palavras organizam o pensamento, evitando a incerteza e a imprecisão, pois são as características da forma que possibilitam a representação do pensamento, sendo assim, a linguagem é reveladora da realidade de determinado grupo social representado seus falantes tanto da contemporaneidade quanto de gerações anteriores.

Sapir afirma que a relação língua, pensamento e realidade acontece, pois a linguagem é refração da realidade e produto do pensamento, enquanto que a materialidade do pensamento abstrato é formado por tudo que rodeia o falante, tanto culturalmente quanto fisicamente. A partir dos estudos antropológicos feitos pelo autor norte-americano, é posto que a internalização e a externalização da realidade são feitas através da linguagem, pois o ser humano consegue apreender as coisas do mundo e de si através da linguagem. Portanto, não há possibilidade de se estudar qualquer língua sem conhecer a cultura do grupo social a que ela pertence. Esta visão é confirmada por Yonne Leite (2004): “Para Sapir, a linguagem é socialmente condicionada e influencia o modo por que uma comunidade apreende a realidade” (LEITE, 2004, p. 22).

Sapir, portanto, a partir de sua visão antropológica, percebe que ao estudar a língua de uma comunidade, não há como fugir às suas crenças, e essas se apresentam na linguagem, pois Leite (2004, p. 22) afirma que há “uma cristalização das categorias básicas do pensamento”. Por isso que se afirma a estreita relação entre pensamento, língua e realidade, pois o pensamento é uma massa amorfa, formada a partir da realidade de seus falantes, que se materializa por meio da língua.

Teixeira e Mota (2011) para comprovar o “ideário mentalista” de Câmara Júnior, influenciado por Edward Sapir, cita uma afirmação encontrada em *Princípios de Linguística Geral* ([1942]), em que Câmara Júnior diz que para “haver linguagem é preciso (...) uma atividade mental tanto no ponto de partida quanto no ponto de chegada (...) é preciso que o manifestante tenha tido a intenção de manifestar-se” (CÂMARA JÚNIOR

apud TEIXEIRA e MOTA, 2002, p. 28). As autoras afirmam que a linguagem é vista por Câmara Júnior como uma manifestação mental intencional do homem exteriorizada por meio da língua. Assim, ao se usar um código linguístico tem-se um objetivo, seja ele de comunicar ideias ou produzir sensações, e isso é realizado na mente.

A esse respeito Câmara Júnior afirma em seu livro *Princípios de Linguística Geral* que “para haver linguagem, é preciso (...) uma atividade mental tanto no ponto de partida quanto no ponto de chegada (...) é preciso que o manifestante tenha tido a intenção de manifestar-se”. Contudo essas manifestações devem ser simbólicas e formadas a partir de elementos simbólicos, palavras ou vocábulos, com significação “permanente”. Para essa afirmação, Câmara Júnior cita do alemão Hans Georg Conon von der Gabelentz (1840-1893) um dos três traços característicos da linguagem:

Ressaltou [Gabelentz], antes de tudo, um propósito claro e definido como ponto de partida das nossas manifestações linguísticas. Mas não é tudo. Cada uma delas se apresenta a mais com uma significação permanente, isto é – idêntica a si mesma, possível de repetir-se com a sua individualidade nítida em circunstâncias idênticas (CÂMARA JÚNIOR, 1970, p.16).

Sapir afirma que falar é uma atividade humana que varia à medida que o falante de determinado grupo social a outro, pois a linguagem é uma herança do grupo, variando como qualquer esforço criativo, mesmo que não seja tão perceptível essa comunicação de ideias e sensações, por isso ele diz que “falar é uma função não instintiva, uma função adquirida, ‘cultural’” (SAPIR, 1971, p. 18).

Os dois autores possuem uma orientação mentalista demonstrada em sua tentativa de uma classificação tipológica das línguas, baseada na estruturação do pensamento por meio da palavra. O pensamento para Sapir e Mattoso é contornado pela língua, se tornando assim a face interna da comunicação. A comunicação é uma transferência direta da ideia para o mundo externo. O jogo das imagens auditivas que se formam na mente é criado através da linguagem e é puramente simbólico, pois o vocábulo tem de significar, anexando a imagem para referência dentro de determinado grupo social. Pode-se, portanto, considerar a linguagem um instrumento que utiliza os meios psíquicos para cumprir seu papel para efetivar a comunicação humana. O processo para que isso aconteça não se restringe apenas em acompanhar o conteúdo da consciência, mas também acompanhando em níveis diversos, das imagens concretas aos conceitos abstratos. Apenas a palavra é

constante, de acordo com os dois autores, pois a significação, que é psíquica, varia livremente com a intenção do indivíduo, partindo do compartilhamento social.

Por isso, sendo o ser humano portador da linguagem, ele não é dela dono, apenas usuário. No uso modifica a língua, mas não a tem para si como algo seu. Falar uma língua não significa apenas expressar os pensamentos mais interiores e originais, significa, também, ativar a imensa gama de significados que já estão postos no sistema cultural da comunidade. Essa relação estreita entre língua e cultura constitui ponto importante nas atividades cotidianas da vida do falante. A língua só se realiza através da atividade individual, ou seja, o uso, em que ocorre também a identificação cultural, pois o sistema linguístico carrega o “espírito nacional” da nação em que ela está estabelecida. Essa realização está ligada aos hábitos, crenças e outras marcas culturais.

Sapir e Câmara Júnior mostram que os elementos da linguagem, os símbolos que mostram a cultura que envolve o indivíduo e constrói sua experiência estão associados a grupos inteiros, classes sociais, que não são os seus próprios. Só assim pode haver comunicação entre os seres humanos, pois as experiências individuais, alojadas na consciência individual, não podem ser externalizadas. Para que sejam compartilhadas, é necessário ligá-las a uma classe cultural identitária. Assim, uma impressão singular se identifica com todas as outras impressões a respeito, anteriores e posteriores, criando uma “memória generalizada” onde se encontram as noções que todos os outros indivíduos têm a respeito. Os autores concordam que uma experiência singular, considerada de início, se amplia posteriormente e abarca todas as impressões ou imagens possíveis que outros indivíduos formaram de determinado símbolo.

Sapir entende que a linguagem vai além da descrição linguística e abrange aspectos externos, como a voz, Teixeira e Mota (2011, p. 21) afirmam que no livro *Linguística como ciência* (1969) Sapir demonstra seus interesses não tão recorrentes aos estruturalistas, como se percebe no texto *A fala como traço da personalidade* em que Sapir afirma que a voz não é um aspecto individual, e sim tem um fundo social.

Esse processo todo ocorre antes que o som, nesse ponto, se articule ou a escrita se realize. Nesse momento, apresenta-se a característica da “representatividade” da língua em relação à realidade do falante, aqui já mencionado. A língua para Sapir é a maneira como se pensa, ficando difícil discernir que relação de causa a efeito se pode esperar que resista

entre um inventário selecionado da experiência, e a maneira particular pela qual a sociedade exprime toda a experiência. Câmara Júnior cita como exemplo, a respeito da linguagem estar intimamente ligada à cultura, o fato de alguns aborígenes que não conheciam cavalos, de vista ou ouvidos, serem obrigados a criar ou importar um novo termo que se lhes depararam esses animais, e explica que o vocabulário de uma língua mais ou menos reflete a cultura à qual tem por propósito servir, por isso ele afirma que a história da língua e a história da cultura andam juntas. Câmara Júnior para opinar quanto à localização da linguagem faz uso das palavras de Sapir (*apud* CÂMARA JÚNIOR, 1970, p. 34):

(...) que a linguagem em si mesma não é e nem pode ser localizada de maneira definida, pois consiste numa relação simbólica toda peculiar, e fisiologicamente arbitrária, entre todos os elementos da nossa experiência, de um lado, e, de outro lado, certos elementos selecionados, localizados nas regiões auditiva, motriz, etc., do cérebro e do sistema nervoso (SAPIR, *apud* CÂMARA JÚNIOR, p. 34).

Câmara Júnior mostra que há uma realização bem próxima entre a linguística e a cultura. Para ele a linguagem está ligada à cultura, e a cultura não existe sem a socialização e a linguagem: “[...] funcionando na sociedade para a comunicação dos seus membros, a língua depende de toda a cultura, pois tem de expressá-la a cada momento. É o resultado de uma cultura global”. Por isso, a língua existe para transmitir e manter a cultura, “não tendo finalidade em si mesma” (CÂMARA JÚNIOR, 1977, p. 21, *passim*) e sua principal função é transmitir a cultura por meio da comunicação social. A língua para o autor é vista como arte, e essa tem a função de propagar a cultura, mas a língua também precisa da cultura enquanto conteúdo para sua manifestação.

Os dois linguistas acreditam que a linguagem é um método humano e não-instintivo de comunicação de ideias, emoções e desejos por meio de um sistema simbólico, ou seja, um processo que necessita de raciocínio, elaboração e não se dá por instinto. A linguagem tem como função não só a comunicação de ideias, mas também a transmissão de desejos, emoções e intenções; a linguagem serve para o homem expressar o que se passa em seu interior e, a partir disso, representar o mundo para as pessoas de seu tempo e para as dos tempos que virão, principalmente através dos registros escritos. Ao usar uma determinada língua ao invés de outra, para Câmara Júnior e Sapir, é comportar-se de uma forma ao invés de outra. Para eles, tanto a linguagem quanto as línguas específicas podem ser vistas como uma atividade que liga o indivíduo ao grupo social a que ele pertence, ou seja, as

línguas tem um caráter comportamental, pois, de acordo com Lyons (1981), a linguagem pode ser considerada sob um ponto de vista comportamental.

3.3 O processo de mudança por meio da deriva linguística

Os dois autores concordam que as línguas sofrem mudanças que são controladas pela deriva linguística. Sapir afirma que essa deriva tem uma direção certa que ela mesma controla, diferente da deriva do mar, sem direção.

Se as variações individuais, em superfície, fossem o único tipo de variabilidade linguística, creio que não lograríamos explicar por que e como surgem os dialetos; por que sucede que um protótipo linguístico gradualmente se fraciona em línguas ininteligíveis entre si.

Mas a linguagem não é apenas uma coisa que cresça no espaço, por assim dizer, - uma série de reflexos nos cérebros individuais de uma mesma e única pintura situada fora do tempo. (...) A linguagem não é apenas uma coisa que cresça no espaço, por assim dizer, - uma série de reflexos nos cérebros individuais de uma mesma e única pintura situada fora do tempo. A linguagem move-se pelo tempo em fora num curso que lhe é próprio. Tem uma deriva (SAPIR, 1970, p. 151, *passim*).

Percebe-se nesse trecho que Sapir, de acordo com Teixeira e Mota (2011), acredita que a mudança linguística (deriva) acontece não pela variação individual, mas pelas diferenças que aparecem em uma determinada língua pela desconexão que ocorre entre os grupos que a falam e faz com que essa língua origine uma nova. Para Coseriu, de acordo com Fiorin (2005, p. 150), a língua nunca está pronta e está sempre sendo refeita. A cada geração, ou mesmo em cada situação de fala, cada falante recria a língua por meio de determinadas alterações que dependem de uma tradição, já que cada falante diz as coisas de determinada maneira que costuma dizer, havendo, como afirma Câmara Júnior, um jogo entre a continuidade e as inovações. Mattoso e Sapir apontam que como a língua está sempre em deriva ou variação, ela comporta o surgimento de inovações a todo momento, mesmo que ela não prevaleça e se incorpore por meio dos falantes de determinado grupo social. Por isso que enquanto esse grupo se mantiver unido, nenhuma variação será suficiente para fragmentar a língua oficial, porque ela naturalmente, como afirma o autor, impede a fragmentação dialetal que é corrigida por um desejo de uniformização do uso geral.

[...] por de trás da fachada da história, há derivas poderosas que impelem a linguagem, como a outros produtos sociais [...]. Como linguistas, contentemo-nos em compreender que existem tais tipos e que determinados processos na vida da linguagem tendem a modificá-los (SAPIR, 1970, p. 100, *passim*).

Como citado acima, a língua possui algumas derivas tão complexas que não se consegue explicá-las, mas é compreendida e aceita pelos indivíduos, pois como afirma Câmara Júnior ela é paulatina e gradual, passada socialmente. Percebe-se também na teoria dos dois autores que essas mudanças acontecem no tempo. Para Sapir, com o tempo as mudanças serão tão grandes que se formarão blocos linguísticos:

Com o correr do tempo, cada dialeto fragmentar-se-á por sua vez em subdialeto que gradualmente ascenderão à dignidade de dialetos, enquanto os dialetos primordiais se desenvolverão em línguas ininteligíveis entre si. (...) Todas as línguas que sabemos ser geneticamente relacionadas, formas divergentes de um protótipo dado, são ditas constituir um bloco linguístico” (SAPIR, 1970, p. 153, *passim*).

Câmara Júnior, a respeito da relação entre o tempo e a deriva linguística, afirma que a imutabilidade da língua é apenas aparente e ela muda constantemente com o decorrer dos anos, baseando-se na noção de evolução linguística e se diferenciando da ciência evolucionista:

É, portanto, já relativamente antiga a noção de que toda língua muda incessantemente no tempo. Daí, o conceito de uma evolução linguística, ou, em outros termos, o enfocamento da mudança contínua, paulatina e progressiva da língua. (...) Assim desapareceu da evolução linguística a característica de marcha de uma forma rudimentar para a sua plenitude, à maneira do desenvolvimento de um ser vivo. A palavra evolução, em linguística, pressupõe apenas um processo de mudanças “graduais e coerentes” (CÂMARA JÚNIOR, 1970, p. 192, *passim*)

A esse respeito, Lyons cita como exemplo a mudança da língua inglesa: ele divide a história do inglês em três períodos – inglês antigo (ou anglo-saxão), inglês médio e inglês moderno – considerando cada um deles alternadamente como três línguas diferentes ou como três estágios da mesma língua e ele explica o porquê de traçar essas divisões:

O que hoje é o inglês-padrão, nas características essenciais de sua fonologia e gramática bem como em grande parte de seu vocabulário, é um descendente do dialeto de Londres que, estando próximo do ponto em que três dos quatro dialetos principais encontraram-se – o merciano, o saxônico acidental e o dialeto de Kent – contém traços de todos eles. Inclui igualmente alguns traços mais isolados que derivam do quarto dialeto principal, o dialeto de Northumberland – especialmente as formas *they, their, them* [respectivamente “eles”, “deles”, “eles” ou “os” (pronome átono)] e a maioria das palavras iniciadas por *sk* – (‘skill’ [habilidade], ‘sky’ [céu], ‘skin’ [pele], ‘skirt’ [saia] etc.) – que sofreu grande influência da língua dos Vikings a partir do século nove (LYONS, 1981, p. 172).

Essa mudança gradual, tanto no aspecto morfológico quanto sintático, é acordada entre Sapir e Câmara Júnior. Este mostra que em relação à mudança há sempre uma “flutuação”, ou seja, circulam no meio social a tradição coletiva e as variações individuais e essas ocorrências começam a disputar espaço no sistema linguístico, e essa “disputa” gera três situações:

Existe sempre nesse particular um campo meio incerto e fluído, em que a tradição coletiva não pressiona as estruturações linguísticas individuais. Daí uma flutuação, que nem a norma escolar, sobreposta à aquisição espontânea da língua consegue a rigor eliminar. (...) Quando, porém, a realização do falante colide com os centros de linguagem solidamente organizados, e sentidos como tais pela comunidade linguística, tem-se a noção clara de mudança. (...) Mas há também uma terceira possibilidade. Não se verifica reação coletiva, e a inovação acaba integrando-se na norma da língua (CÂMARA JÚNIOR, 1971, p. 195, *passim*).

Câmara Júnior confirma que a deriva é, conforme afirma Sapir, lenta e ordenada, mas aponta que as mudanças repentinas não acontecem na língua, porque seus falantes não a utilizam de maneira uniforme e instantânea, por isso que quando surge um novo lexema, há a existência das duas formas, para depois uma delas desaparecer. Câmara Júnior trabalha com a afirmação de que a deriva aponta para uma determinada direção e por isso a mudança é previsível, podendo ser acelerada por alguns aspectos exteriores à língua, como os aspectos sociais.

Sapir afirma que as variações individuais são impedidas de serem tratadas cada uma com sua devida importância, não apenas pela sua insignificância em qualquer caso, mas sim porque suas peculiaridades, em conjunto não se referem à norma própria do sistema linguístico:

Se a fala de cada membro de série pudesse ser encaixada em outra série dialetal, deixaríamos de ter verdadeiras barreiras entre os dialetos (e as línguas). Teríamos apenas uma série contínua de variações individuais a se estenderem por todo o âmbito de uma área linguística historicamente unificada, e a divisão desta grande área (que abarcaria até alguns casos partes de continentes diversos) em dialetos e línguas distintos seria um ato essencialmente arbitrário, sem outra justificativa que não a conveniência prática (SAPIR, 1970, p. 149-150).

Como já observado, Câmara Júnior a esse respeito acredita que dentro da coletividade há manifestações individuais, em que se divide a língua geral, mas as condições em que se realiza a fala cotidiana, não são adequadas, pois ao se desviar do modelo de expressão colocado pelo sistema, nos direciona para a forma e não para o conteúdo, e isso causa estranhamento dentro do processo de interação verbal, porque a linguagem é um meio de transmissão e consubstanciação de ideias, e não tem finalidade em si mesma. Para ele, a evolução linguística é:

Uma iniciativa consciente de mudança na expressão linguística dos membros de uma coletividade, que adquirem a língua materna através de múltiplas experiências, variáveis de um para outro nas condições concretas. Constitui-se em cada um de nós uma estruturação linguística própria. A rigor não coincide com as dos demais nos detalhes. Em outros termos, cada um de nós possui o seu idioleto, sem ter a noção clara das suas próprias pequenas divergências. Desta sorte, transfere-se a língua, no sentido saussuriano de sistema linguístico coletivo, a uma forma ideal (CÂMARA JÚNIOR, 1971, p. 195).

Câmara Júnior ao falar da fala cotidiana afirma que ela depende de um “automatismo psicológico”, e por essa espontaneidade se esquece que ela surge por meio de um processo social elaborado e o assemelha ao mecanicismo do andar e cita o que Sapir diz a respeito:

(...) como observa Sapir, quase não sentimos diferença de natureza entre andar e falar, embora na realidade haja aí a profunda oposição entre a atividade instintiva e uma aquisição social, como é a linguagem (CÂMARA JÚNIOR, 1971, p. 194).

Os dois acreditam que a variação linguística individual vai de encontro aos “centros” de linguagem solidamente organizados. Sentido como tal pela comunidade linguística, a esse fato Câmara Júnior dá o nome de “mudança” e Sapir o de “deriva”, e essa inovação

trabalhada pelo primeiro é ocasional e está em conflito com o próprio “idioleto” do falante que a usou e a rejeita.

(...) a linguagem não é apenas uma coisa que cresça no espaço por assim dizer, - uma série de reflexos individuais de uma mesma pintura.

A linguagem move-se pelo tempo em fora num curso que lhe é próprio. Tem uma deriva (SAPIR, 1971, p. 151).

(...) fica entendida por evolução linguística, strictu senso, apenas a mudança, paulatina e perene, a que está sujeita a língua transmitida de pais a filhos, como um legado social (CÂMARA JÚNIOR, 1970, P. 193).

De acordo com Alckmin (*apud* TEIXEIRA e MOTA, 2011, p. 31) afirma que Câmara Júnior submete os efeitos do contato entre o português europeu e o crioulo dos africanos à ação controladora da deriva já estudada por Sapir, tratando a mudança linguística como um movimento que a deriva da língua lhe impõe: “(...) Câmara Júnior trabalha com a noção de deriva que envolve a ideia de que ela aponta para certa direção e, nesse sentido, apresenta um fim certo de certo modo previsível, mas que pode ser acelerada por aspectos exteriores à língua como aspectos sociais” (TEIXEIRA e MOTA, 2011, p. 31). Em condições culturais que caracterizam o localismo, os velhos dialetos são constantemente suprimidos para dar lugar a dialetos novos, pois, de acordo com Sapir (1971, p. 152), as línguas são passíveis de mudança. Para Câmara Júnior a manifestação individual é aprendida socialmente, pois o que o falante diz já estava previsto na língua geral, ou seja, havia uma predisposição ou direcionamento da norma para essa “criação”:

A criação individual é socialmente apreendida e imitada, porque a comunidade já estava predisposta nesta direção. Muitas vezes, até, têm-se inovações, nos discursos individuais, feitas ou recebidas sob a ilusória impressão de que não houve afastamento da norma. O inovador é apenas o intérprete de uma mudança latente na língua coletiva (CÂMARA JÚNIOR, 1970, p. 196).

Portanto, para os dois linguístas as línguas sofrem variações que não prevalecem se vindas de apenas um indivíduo, pois elas são fruto do ato comunicacional entre os indivíduos de determinado grupo social, e essas variações são graduais e paulatinas. A língua para os dois autores não é apenas uma coisa que cresça no espaço, por assim dizer, uma série de reflexos nos cérebros individuais de uma mesma e única imagem situada fora do tempo. Ela move-se pelo tempo num curso que lhe é próprio. Tem uma deriva. Sapir

(1970, p. 155) afirma que ainda que não houvesse fragmentação das línguas em dialetos, ainda que cada língua persistisse em firme e inflexível unidade, estaria em constante afastamento de toda forma consignével, desenvolvendo incessantemente aspectos novos, transformando-se tanto em referência ao seu ponto de partida que teria de dar na realidade uma nova língua. Sapir e Mattoso concordam que o que impede a ascendência das variações individuais a dialetos não é simplesmente pela sua insignificância, mas sim pelo uso geral.

Os dialetos surgem, não porque haja o simples fato da variação individual, mas porque dois ou mais grupos de indivíduos se tornaram a tal ponto desconexos que passa a ter cada qual uma deriva própria, independente, em vez de fluírem juntos. Enquanto se conservam estritamente unidos, nenhum montante de variação individual é capaz de determinar a formação de dialetos (SAPIR, 1971, p. 120).

Para Inês Araújo (2003, p. 3), o discurso de Câmara Júnior, que reflete o de Sapir, mostra um suporte histórico, institucional, uma materialidade que permite sua realização. O sujeito do discurso não é a pessoa que realiza um ato de fala, nem o autor do texto, nem o sujeito da preposição. O sujeito, para a autora, é aquele que pode usar (quase sempre com exclusividade), determinado enunciado por seu treinamento, em função da ocupação de um lugar institucional, de sua competência técnica.

3.3 O estilo individual na arte coletiva

O estilo para Sapir está presente no âmbito da literatura, ou seja, é a forma como artista expressa o que sente e o que pensa; para Câmara Júnior o estilo está presente em qualquer produção linguística individual, porém no sentido primeiro da palavra, é a expressão individual de determinada cultura. Se é possível o confronto entre a arte individual, que chamamos aqui de estilo, e a arte coletiva, mostra que o estilo individual e a arte coletiva são valores bastante discutidos na sociedade contemporânea. A expressão linguística individual é uma construção seletiva do passado, que nunca é somente aquela do indivíduo, mas de um indivíduo inserido num contexto familiar, social, nacional, e constitui um elemento essencial da identidade, da percepção de si e dos outros.

Para Sapir a linguagem, no âmbito da literatura, é pessoal e concreta, e apesar de se tomar como matéria a forma linguística posta no sistema, a expressão literária é pessoal e concreta, baseada em suas experiências coletivas, diferentemente da linguagem científica, generalizada e traduzível para qualquer outra língua.

Ele compara a expressão artística com a verdade científica, contrapondo-as quanto ao processo de criação e expressão, e afirma que a literatura se move na linguagem como um meio para a expressão latente da experiência e a verdade científica é impessoal, pois a linguagem utilizada é generalizada, podendo-se traduzi-la para todas as línguas conhecidas, pois ela por si só já é uma tradução. A experiência literária é pessoal e concreta, pois o pensamento do poeta se elabora a partir de sua vivência no mundo:

Uma verdade científica é impessoal, é em essência estreme de qualquer meio linguístico especial que lhe sirva de expressão. Pode transmitir a sua mensagem tão prontamente em chinês, como em inglês. Contudo, tem de ter uma expressão, e tal expressão tem de ser linguística. Na realidade, a apreensão da verdade científica já é em si um processo linguístico, pois o pensamento não é outra coisa senão a linguagem despida de sua roupagem exterior. O meio próprio da expressão científica é, portanto, uma linguagem generalizada, e que se pode definir como sendo uma álgebra simbólica, a que servem de tradução todas as línguas conhecidas. (...) A expressão literária é pessoal e concreta, ao contrário; mas isso não quer dizer que sua significação seja completamente ligada às qualidades acidentais do meio. Um simbolismo verdadeiramente profundo, por exemplo, não depende das associações verbais de uma língua dada, mas repousa firmemente numa base intuitiva sotoposta à toda expressão linguística (SAPIR, 1971, p. 219 e 220).

Câmara Júnior (1970, p. 28) a esse respeito acredita que o estilo é individual, pois já está modelado pelos impulsos pessoais do indivíduo, mas que os traços estilísticos estão presentes nos indivíduos do grupo social, pois o estilo é criado a partir de normas sociais coletivas: “O estilo é em princípio, individual, pois está modelado pelos impulsos de uma psique pessoal; mas os traços estilísticos coincidem, em grande parte, nos indivíduos de uma sociedade linguística”.

Para Sapir (1971, p. 221) é lícito o artista utilizar-se dos recursos estéticos naturais de sua fala, dando crédito aos bons “achados” que permeiam a própria língua, pois “cumpre-nos dar por admitida a presença da língua com toda sua flexibilidade ou rigidez, e ver a obra do artista em relação a ela”. Ainda, de acordo com Sapir, a base fonética da língua e a base morfológica são fundamentos essenciais que dão à literatura, através do estilo determinada direção, não fugindo à estrutura linguística original, propondo-se uma liberdade velada pela língua do artista, como no trecho abaixo citado:

Esses fundamentos necessários do estilo não chegam a ser sentidos pelo artista como um constrangimento à sua individualidade de expressão. Ao contrário, servem para encaminhá-lo para os desenvolvimentos estilísticos que melhor correspondem à índole natural da língua. Não há a menor probabilidade de que o estilo verdadeiramente insigne possa contrapor-se seriamente aos sistemas mórficos fundamentais da língua. Não os incorpora propriamente a si; pois na realidade é neles que se assenta (SAPIR, 1970, p. 222).

Para Sapir, “a língua já é por si só uma arte coletiva de expressão, súpula de milhares e milhares de intuições individuais. A criação individual perde-se na coletiva [...]” (SAPIR, 1971, p. 220) Como tudo que é produzido pelo homem, ser inserido dentro de um grupo social, a arte de determinado indivíduo é constituída a partir do social, como ainda afirma Edward Sapir, a criação individual não sobrevive se não for aceita pela sociedade. Essa visão a respeito da relação entre língua e arte abordada por Sapir é corroborada por Câmara Júnior que afirma que “Quer do ponto de vista mental, quer do ponto de vista vocal, não há como fugir da concepção de linguagem como uma espécie de ARTE, elaborada pelo esforço criador do homem” (SAPIR, 1971, p. 20). Com esses trechos verifica-se que Câmara Júnior e Sapir concordam com a ideia de que a linguagem é uma forma de arte, resultado da interação social. Uchôa (2004, p. 5) afirma que Câmara Júnior, além disso, considerava a língua como arte e produto da cultura pela influência de Sapir e seus antecessores: Boas e Humboldt, pois para Câmara Júnior:

Finalmente as aquisições culturais são ensinadas e transmitidas, em grande parte, pela língua. Assim, uma língua, em face do resto da cultura, é – 1) o seu resultado, ou súpula, 2) o meio para ela operar, 3) a condição para ela subsistir. E mais ainda: só existe para tanto. A sua função é englobar a cultura, comunicá-la e transmiti-la através das gerações (CÂMARA JÚNIOR, 1970, p. 22).

Sapir e Mattoso que o estilo separa, de certa forma, o indivíduo da sociedade, pois na vida usual, os indivíduos fornecem impressões pela maneira de falar e agir, havendo variações de um padrão social. A sociedade tem os seus padrões, as suas maneiras pré-estabelecidas de agir, e por sua vez, o indivíduo tem o seu próprio método de utilizar esses padrões sociais, ajeitando-os a seu modo para fazê-los propriedade particular. Os falantes estão constantemente sob a impressão de ser originais e até aberrantes, quando na verdade estão apenas repetindo um padrão social com o mais ligeiro toque de individualidade.

Percebe-se por meio dessas comparações a importância da sociedade para a linguagem e a importância da linguagem para as relações sociais pode-se citar um trecho da obra de Câmara Júnior presente no texto de Teixeira e Mota (2011, p. 29).

Cada homem que fala, rege-se por um sistema de sons, de fonemas e de significação e ordenação de formas, que ele hauriu da sociedade em que vive e que nesta se transmite através de gerações como uma tradição de cultura, à maneira dos processos de plantar ou de fabricar vasos. Vista desse ângulo, a língua surge-nos com um caráter de que se chama em etnologia uma arte coletiva. O seu estudo pode colocar-se ao lado do das grandes instituições sociais, e a linguística assume a aparência de uma seção de etnologia (CÂMARA JÚNIOR *apud* TEIXEIRA e MOTA, 2011, p. 29).

Sapir, a esse respeito, explica que o conteúdo linguístico é o mesmo: a “ciência intuitiva” da experiência, mas sua forma é o que nunca se repete, pois a morfologia linguística é essa arte coletiva de pensar, alheia às impressões individuais dos indivíduos, por isso:

[...] a respeito das línguas, indica que se trata da obra mais notável e colossal que o espírito humano jamais desenvolveu: nada menos do que uma forma completa de expressão para toda a experiência comunicável. Essa forma pode ser variada de inúmeras maneiras pelo indivíduo, sem perder com isso os seus contornos distintivos; e está constantemente remodelando-se, como sucede com toda a arte. A língua é a arte mais ampla e maciça que se nos depara, cúmulo anônimo do trabalho inconsciente das gerações (SAPIR, 1971, p. 216).

Compreende-se então que a linguagem está intrinsecamente associada à atividade mental coletiva humana, a qual só se desenvolve e se firma por meio dela. Câmara Júnior, por isso, afirma que isso pressupõe um trabalho mental já evoluído, produzido a partir de situações sociais que preparam esse processo de interação entre cultura, língua e expressão. Para ele, o que interessa é estudar o esforço do falante para expressar-se mais adequadamente em dado discurso, fugindo, por meio de uma criação individual, da automatização na formulação linguística e cita o filósofo Vossler: “Com a forma que falamos sucede quase o mesmo que com a forma que vestimos. A vida prática, nos impõe o modelo. Mas nosso gosto decide o corte e a cor” (VOSSLER *apud* CÂMARA JÚNIOR, 1970).

Verifica-se que para os dois autores a manifestação linguística parte de uma “vontade” ou manifestação psíquica, quando nos delimitamos em um sistema estilístico. A língua, para eles, é, de maneira geral, coletiva, mas cada um de seus falantes tem certas peculiaridades linguísticas, ou pelo menos preferências que são considerados traços estilísticos. Câmara Júnior faz a distinção entre os estudos linguísticos e os estudos estilísticos, traçando as características que os separam e caracterizando o estilo construído na obra literária:

[...] 1) entre a língua como sistema comunicativo, destinado, antes de tudo, à representação; e - 2) ESTILO ou sistema expressivo, destinado a aí imprimir emoção para servir à manifestação psíquica ou apêlo. Por isso, em relação à obra literária, Middleton Murry define o estilo como “uma concentração de emoção na coisa criada” (CÂMARA JÚNIOR, 1970, p. 27).

Cada indivíduo tem o seu modo de produzir um discurso, da mesma maneira, de acordo com a época ou com o lugar em que vive ou viveu, o indivíduo terá seu estilo de se manifestar linguisticamente. Assim, o estilo é o modo peculiar com que uma pessoa exprime seus pensamentos e emoções. Cada falante tem seu próprio estilo, manifestado na escolha dos recursos que a língua lhe disponibiliza e assim os membros de uma comunidade podem optar por esta ou aquela forma de expressão, porém, conforme visto, não é possível criar uma língua particular e exigir que outros falantes a compreendam. Dessa forma, cada indivíduo pode usar de maneira particular a língua regente, sempre condicionado pelas regras socialmente estabelecidas da língua, mas é suficientemente ampla para permitir uma manifestação linguística criativa no processo comunicativo.

CONCLUSÃO

Este estudo realizou um percurso historiográfico das ideias linguísticas de Edward Sapir e Joaquim Mattoso Câmara Júnior para verificar a influência do primeiro no ideário do segundo, mostrando em que aspectos houve a aproximação dos dois autores e os fatores que fizeram com que ocorresse essa aproximação metodológica entre os dois autores.

A comunicação é uma característica inerente ao ser humano, como afirmado pelos dois autores aqui estudados, permitindo-os viver em sociedade, compartilhando experiências, interagindo com as diferentes culturas e manifestando sentimentos diversos. Em se tratando da linguagem, ela está diretamente ligada à capacidade simbólica do ser humano formada por leis combinatórias e palavras materializadas pela mensagem.

As ideias de Sapir sobre linguagem, deriva, cultura e estilo são compreendidas como não só uma construção individual, mas também reflexo do social, mostrando um caminho para os estudos linguísticos norte-americanos. O tema central dos estudos de Sapir é considerar a língua como meio de representação do pensamento e instrumento de comunicação social. Ela pode variar, mas sua variação ou “deriva” é de maneira ordenada e prevista de forma inconsciente pelos indivíduos. Câmara Júnior, trabalhando nessa mesma linha de pensamento, acredita que a mudança, ou “evolução”, da língua é o fenômeno fundamental da linguagem. Na medida em que a língua é, ao mesmo tempo, produtora e produto de uma dada cultura, e sendo esta algo dinâmico, é natural que a língua acompanhe esse dinamismo.

A língua precisa adaptar-se a uma realidade social sempre nova, pois se não fosse assim, ela não conseguiria atender as necessidades do falante inserido nessa sociedade. É o uso da linguagem que faz com que ela mude e é essa mudança que garante sua continuidade e funcionamento.

Os estudos de Câmara Júnior rompem com a tradição filológica dos estudos linguísticos no Brasil, ao se pensar a língua como reflexo da cultura de determinado grupo social. Os dois percebem a língua como a matéria que dá forma ao pensamento e por isso ela age como meio para a comunicação. A língua, inserida em determinado grupo social fica a mercê da sociedade, não sendo algo estático e imutável, tendo uma deriva própria guiada pelos cursos tomados pela sociedade. Quanto ao estilo, a língua é a expressão individual de cada falante dentro do grupo, pois através dela conseguem expressar seus pensamentos e sentimentos, dando a forma já determinada a qualquer manifestação simbólica individual.

Assim, os autores acreditam que a língua é reveladora da realidade de uma sociedade, pois ela apreende o que lhe é exterior e representa esse exterior aos demais membros da sociedade, de outras gerações e de outros povos. Dessa visão chega-se à ideia de que a internalização e externalização da realidade, por um grupo de pessoas, ocorre através da linguagem.

Referências

- ALMEIDA, R Q; MILANI, S. E. *Uma historiografia dos estudos lingüísticos de Edward Sapir na obra A Linguagem: Introdução aos Estudos da Fala*. In: IV Encontro Nacional GELCO. Cuiabá: UFMT, 2008.
- ALTMAN, C. *A pesquisa lingüística no Brasil (1968-1988)*. São Paulo: Humanitas, 1998.
- ARAÚJO, Inês Lacerda. *Formação Discursiva como conceito chave para a arqueogenealogia de Foucault*. Disponível em: <http://www.unicamp.br/~aulas/pdf3/14.pdf>
- BAKHTIN, M. *Marxismo e Filosofia da Linguagem*. Trad. de Michel Lahud e Yara Frateschi Vieira .São Paulo: Hucitec, 1991.
- BLOONFIELD, Leonard. *Language*. Thirteenth impression [1976]. London: George Allen & Unwin, 1933.
- MOREIRA, H.; CALEFFE, L. G. Classificação da pesquisa. In: MOREIRA, H.; CALEFFE, L. G. *Metodologia científica para o professor pesquisador*. 2. Ed. Rio de Janeiro: Lamparina, 2008. p. 69-94.
- _____. Questões que persistem em Historiografia Linguística. *Revista da ANPOLL*, n. 2, p. 45-70, 1996.
- KHUN, T. S. *A estrutura das Revoluções Científicas*. São Paulo: Perspectiva, 2001.
- CÂMARA JÚNIOR, J. M. *Princípios de Linguística Geral como Fundamento para os Estudos Superiores da Língua Portuguesa*. 2ª Ed. Rio de Janeiro: Acadêmica, 1954.
- _____. *Estrutura da Língua Portuguesa*. Petrópolis: Vozes, 2011
- _____. *Problemas de Linguística Descritiva*. Petrópolis: Vozes, 2010
- LEITE, Yonne. *Joaquim Mattoso Câmara Jr.: um inovador*. Revista DELTA. V. especial, n. 20, 2004, p. 9- 31.
- MILANI, S. E. Historiografia Lingüística individual, pp. 763 771. In: *GELCO/2008, 2009*, Cuiabá. Revista Eletrônica. Cuiabá : UFMT, 2008.

_____. *Historiografia Lingüística: língua e linguagem*. Extensão e Cultura Goiânia/UFG, 2008.

_____. *Historiografia Lingüística de Ferdinand de Saussure*. Goiânia: Kelps, 2011.

RODRIGUEZ, A. M. *Universalismo e relativismo lingüístico*. Disponível em: <<http://www.filologia.org.br/revista/artigo/4%2811%2927-37.html>> Acesso em: 02 set. 2011

SANDÍN ESTEBAN, M. P. Bases Conceituais da Pesquisa Qualitativa. O Rigor Científico na Pesquisa Qualitativa. In: Sandín Esteban, M. P. *Pesquisa qualitativa em educação: fundamentos e tradições*. Porto Alegre: AMGH, 2010. p. 192-209.

SAPIR, E. *A linguagem: Introdução aos Estudos da Fala*. Trad. De J. Mattoso Câmara Jr. 2. Ed. Rio de Janeiro: Instituto Nacional do Livro, 1971.

_____. *Lingüística como ciência: Ensaios*. (Trad. de J. Mattoso C. Jr.). 3. Ed. Rio de Janeiro: Acadêmica, 1970.

SAUSSURE, F. *Curso de lingüística geral*. 5. ed. São Paulo: Cultrix, 1993.

TEIXEIRA, Lovania Roehrig; MOTA, Mailce Borges. *Edward Sapir e Mattoso Câmara Jr: Intersecções*. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/workingpapers/article/view/19848420.2011v12n2p15/21356>

UCHÔA, Carlos Eduardo Falcão. *Mattoso Câmara: Um Novo Discurso sobre o Estudo da Linguagem no Brasil*. Disponível em: <http://www.scielo.br/cgi-bin/wxis.exe/iah/?IsisScript=iah/iah.xis&base=article%5Edlibrary&format=iso.pft&lang=i&nextAction=lnk&indexSearch=AU&exprSearch=UCHOA,+CARLOS+EDUARDO+FA LCAO>